

Ludmilla
Martins
Gomes da
Silva

*Mulheres e Resistências:
conexões entre a região
centro-africana e a história
e cultura afro-brasileira*

2019

Mulheres e Resistências:
conexões entre a região
centro-africana e a história
e cultura afro-brasileira



Epígrafe

“Aquele que souber educar sua filha educa todo o povo”.

(Christ Wa Tshibuabua Kamanda, frase dita na entrevista em dezembro de 2018).



Sumário

<i>Introdução.....</i>	<i>pág 5</i>
<i>Conhecendo o Berço da Humanidade.....</i>	<i>pág 6</i>
<i>Conexão centro-africana e a história e cultura afro-brasileira.....</i>	<i>pág 18</i>
<i>Mulheres, reinos e resistências.....</i>	<i>pág 36</i>
<i>Mulheres Africanas e Afro-Brasileiras na Contemporaneidade.....</i>	<i>pág 52</i>
<i>Glossário.....</i>	<i>pág 63</i>
<i>Referências Bibliográfica.....</i>	<i>pág 65</i>
<i>Referências Iconográficas.....</i>	<i>pág 68</i>

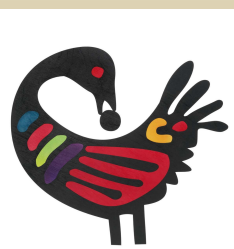


Introdução

"Não basta acrescentar as mulheres aos livros de História - disseram -, é preciso repensar o próprio saber histórico e privilegiar abordagens analíticas." (PINSKY:2009, p. 161).

Esse livro paradigmático foi pensando com o intuito de colaborar na perspectiva do ensino de História em âmbitos educacionais formais e não-formais dialogando com as orientações propostas por meio da lei 10.639/03. Ele foi construído a partir da observação e análise de materiais didáticos e do ensino de história em que na sua maioria não abordam as mulheres ou abordam superficialmente, dessa maneira, pensamos em construir um material que além de incluir e inserir a mulher como protagonista da sua própria trajetória, ele busca mostrar as contribuições e resistências que elas tiveram em alguns "eventos históricos", mais especificamente no tráfico transatlântico e a escravidão triangular. Partindo desse ponto inicial, a escolha por mulheres africanas da região centro africana se deu pelo contato, convívio e estudos/pesquisas com a comunidade angolana na UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira) em São Francisco do Conde- BA, no Campus dos Malês e também pela proximidade com grupos de congoleses/as da República Democrática do Congo em São Paulo através da Associação MIM (Migrant Mission).

O livro faz uma trajetória histórica sobre o continente como um todo, depois visa mostrar a conexão da região centro-africana com a história e cultura afro-brasileira, seguidamente apresenta as narrativas de vida e resistência de três mulheres da região central do continente africano, sendo elas: N'Zinga Mbande, Kimpa Vita e Lueji A'Nkonde e finaliza-se fazendo uma breve biografia e contribuições a partir de obras de algumas mulheres africanas e afro-brasileiras na contemporaneidade.



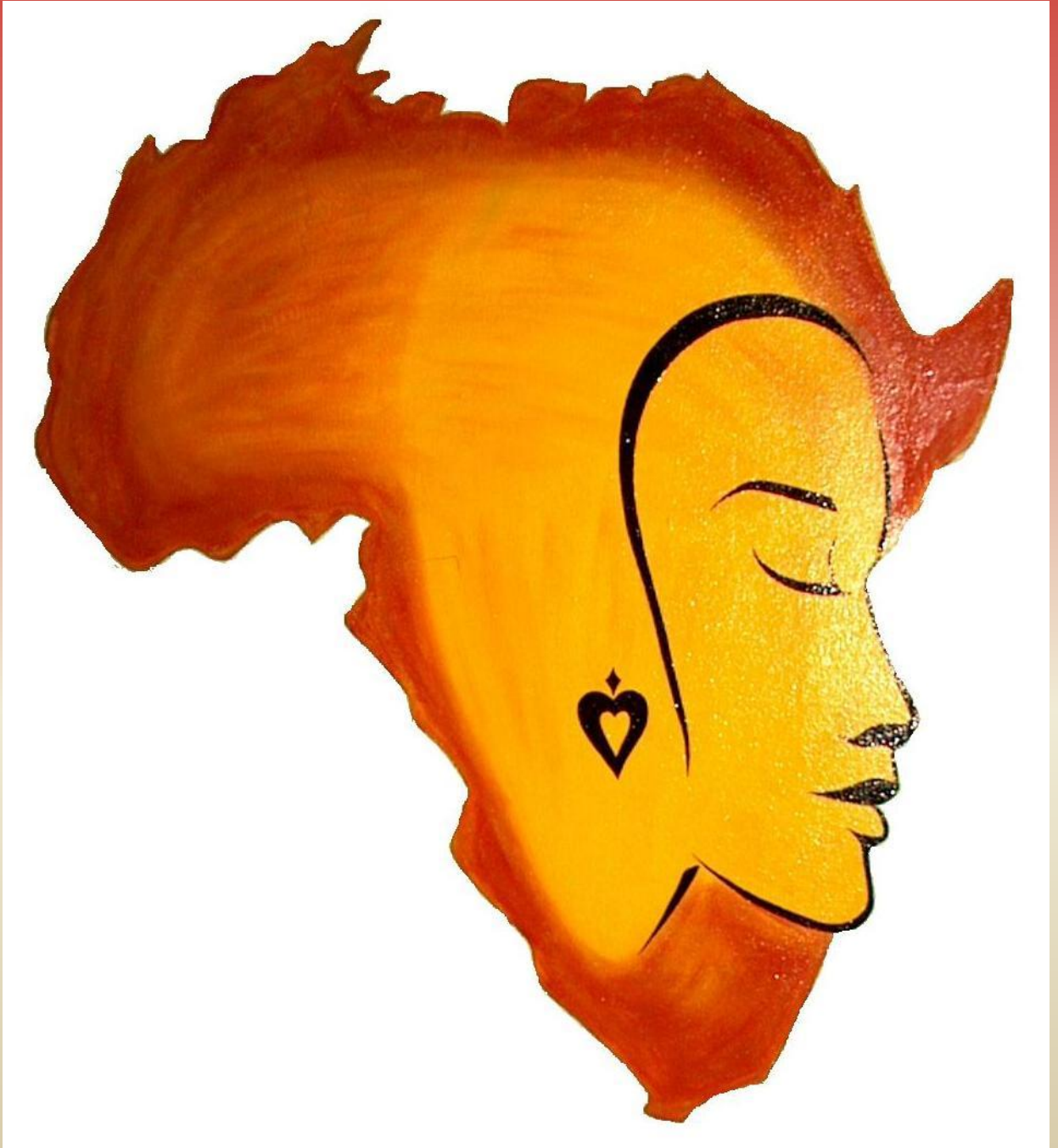


Conhecendo o Berço da Humanidade

Você sabe qual o continente que é considerado o berço da humanidade?



Você conhece esse continente?
Sabe quantos países tem?
E quais os nomes desses países?



Hora da prática

Preencha/m o mapa com os nomes dos países que você/s conhece/m.



Conhecendo África no Mundo



O continente africano é um dos continentes mais antigos do mundo, foi nele que surgiram as primeiras espécies de homínídeos e a nossa espécie *Homo sapiens sapiens*, que se expandiu para os demais continentes, por isso é considerado o Berço da Humanidade. “O gênero *Homo* ter-se-ia constituído no seio da família dos Hominídeos há cerca de 4 milhões de anos. [...] A partir dos fósseis conhecidos, distinguem-se no meio deste “gênero” três “graus” ou “táxones”: *Homo habilis*, *Homo erectus* e *Homo sapiens*, correspondendo a diferentes estágios na evolução do gênero.” (M’BOKOLO, pp-21).

Na geografia podemos notar que ele tem fronteiras marítimas com os demais continentes, ou seja, é um continente que consegue ter uma conexão com os demais continentes: América, Ásia, Europa e Oceania. Por isso, em boa parte dos contextos históricos o continente africano é considerado como um espaço geograficamente estratégico, por ter essa acessibilidade de conexão global, desde a antiguidade até a contemporaneidade.

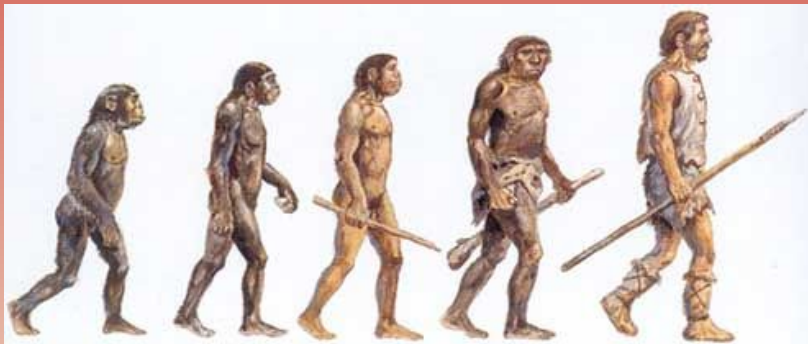
Sendo assim, a África tem relações históricas com o Oriente Médio/ Ásia através das rotas comerciais e religiosas do Islamismo; trocas comerciais com o sul da Europa através do Mar Mediterrâneo; Relação triangular (África, América e Europa) através do tráfico transatlântico e com o trabalho escravizado nas Américas, principalmente no Brasil, dentre muitos outros contatos históricos.

Conhecendo um pouco da África



O continente africano é bem antigo, ele foi um dos primeiros continente a formar após o período da Pangeia, por questões de estabilidade terrestre, o que facilitou a origem dos hominídeos, o surgimento da nossa espécie *Homo sapiens sapiens* e a sua expansão para os demais continentes. O processo de sedentarismo deu-se a priori em volta dos rios e lagos, usava-se a terra para o cultivo de alimentos, faziam pesca, produções de utensílios domésticos e mais adiante a criação e a domesticação de animais. (M'BOKOLO e PAUL JORDAN).

Com o passar do tempo, esses seres humanos passaram a se organizar socialmente, criando hierarquias, modos de vida, costumes, valores e culturas, como por exemplo, o Egito - que foi uma das principais civilizações da antiguidade, desenvolveram a escrita hieroglífica, as pirâmides como símbolo de poder e religiosidade, a mumificação (conhecendo a anatomia) e muitas outras técnicas.



Hominídeos

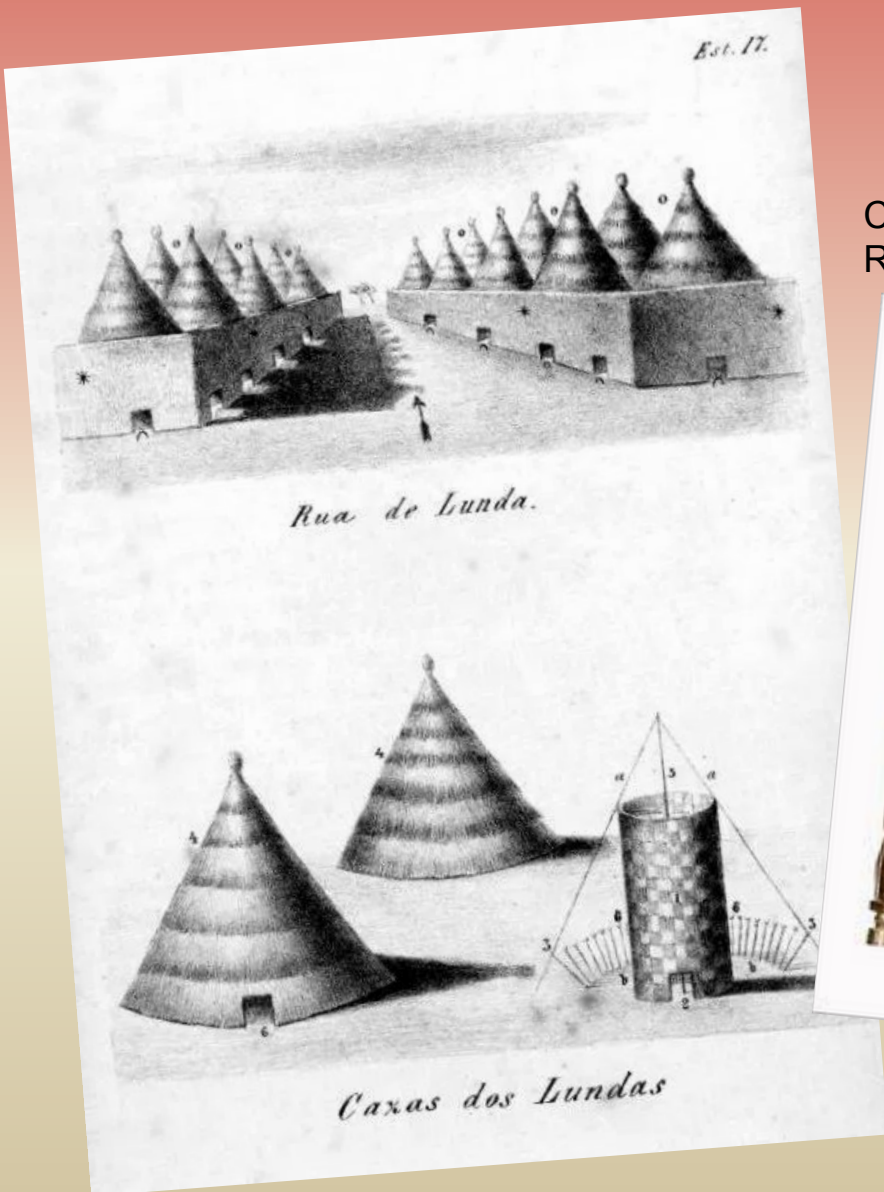


Civilização Egípcia

Mais adiante começaram a surgir mais regiões povoadas e organizadas, que se tornaram Reinos e Impérios, tinham contato através de trocas comerciais com os demais continentes. Trouxemos alguns exemplos: o Reino Kush, sendo atualmente o Sudão; Império Axum, que são atualmente os países Etiópia e Eritreia; Império de Gana, Mali e Songhai localizados à parte da costa ocidental, próximo ao Oceano Atlântico; Império Monomotapa atualmente o país Moçambique na costa oriental, próximo ao Oceano Índico; o Império Zimbabwe, que atualmente é um país que leva o mesmo nome.

Na região que encontra-se ao centro do continente africano, havia alguns Impérios e Reinos como por exemplo, o Império Lunda que foi dividido em três Reinos: Luba, Ndembo e Tchokwe; também tinha os Reinos da Matamba e N'Dongo; Reino do Kongo; e etc. Nesse livro vocês irão conhecer um pouco sobre alguns desses junto a trajetória de algumas mulheres nesse contexto.

O Império Lunda estava localizado no que hoje são os países Angola, República Democrática do Congo e Zâmbia. Esse Império se dividiu em três reinos, dos quais sua linhagem e cultura existem até hoje. Esses Reinos lutaram bravamente contra o tráfico de escravizados e o Imperialismo em África, já que europeus buscavam explorar os rios e os solos da região, situações que ainda hoje acontecem, por isso há uma crescente de imigração para o Brasil atualmente. No Reino Tchokwe havia uma rainha chamada Lueji A'nkonde que lutou contra o sistema patriarcal, porque assumiu o poder ao invés do irmão e ajudou a população tanto na agricultura quanto no comércio.



Casas, Rua e Cadeira Real no Império Lunda



Reino da Matamba e N'Dongo, foi um local estratégico, por conta do rio e por ter conexão com região que tinha/tem riquezas naturais (os minérios), também se organizou hierarquicamente e culturalmente, nele existiu uma rainha chamada N'Zinga Mbande que lutou bravamente contra a escravidão que a região estava sofrendo pelos colonizadores portugueses e o tráfico de escravizados.

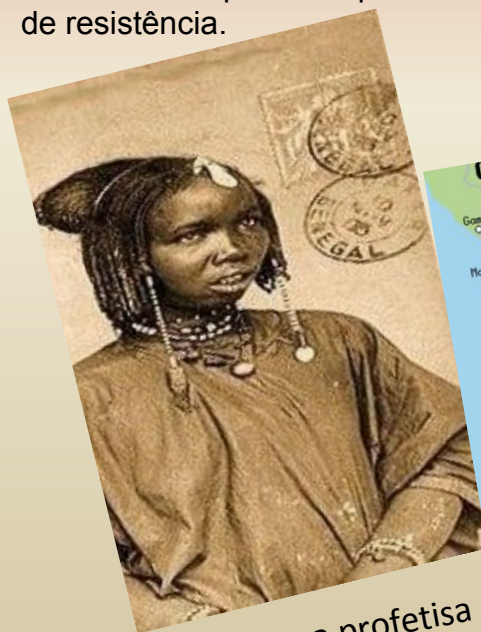


Região da Matamba e N'dongo



Momento da refeição em coletivo

No Reino do Kongo, região que também sofria ataques dos portugueses, holandeses e franceses com a exploração territorial e o tráfico de escravizados, nesse período surgiu Kimpa Vita, uma profetisa, mulher guerreira que lutou contra o catolicismo imposto no período e usou a conversão a religião católica como estratégia de resistência.



Kimpa Vita: a profetisa



Reino do Kongo: região marcada em amarelo

O Continente Africano atualmente

Anteriormente vimos um pouco sobre a História do continente.

Como será que ele está nos tempos atuais?

O continente africano no século XIX e século XX passou por dois momentos. O primeiro foi o imperialismo/neocolonialismo, momento que os europeus ocuparam os territórios africanos, através de uma divisão feita na Conferência de Berlim em 1884/1885. Nesse momento impunham modos e costumes ocidentais/ europeus (como modos de vestir, comer e religião), fazendo com que as culturas africanas fossem consideradas inferiores.

O segundo momento foi o de resistência ao imperialismo e as lutas pelas independências que foram tanto pacíficas através de acordos, quanto por luta armada, lembrando que nesse mesmo tempo estava acontecendo a Primeira e Segunda Guerra Mundial, seguidamente pela Guerra Fria, todas influenciando direta e indiretamente no continente africano. As lutas de libertação foram de extrema importância para uma nova formação e liberdade do continente, alguns buscaram inspiração nos Impérios e Reinos antigos e também influências ideológicas como o socialismo e pan-africanismo.

Em 25 de maio de 1963, na Etiópia surgiu uma organização coletiva- a OUA (Organização da Unidade Africana), que tinha como objetivo a união e liberdade do continente, dado esse momento, essa data é comemorada até hoje como o dia de África. A OUA passou por uma modificação de nome no ano de 2003 se tornando a UA (União Africana).

A partir desse histórico narrado do continente, podemos ver que atualmente ele é dividido em 54 países, segundo a ONU (Organização das Nações Unidas) e 55 países pela UA (União Africana), que já reconhece a Independência do Saara Ocidental.

Sugestão de vídeo sobre a África nos dias atuais:

<https://www.youtube.com/watch?v=3vIIE0-Xuo0>



Você conhece algum filme ou desenho sobre África? Qual (is)?

Que tal conhecer o nome dos países, capitais e a bandeira?

Agora é com você(s), preencham a tabela com o que está faltando.

PAÍS	CAPITAL/ BANDEIRA
	Pretória 
Angola	Luanda
Argélia	
	Porto Novo 
	Gaborone 
	Uagadugu 
Burúndi	
Cabo Verde	
Camarões	laundé
	Jamena 
Comores	Moroni
	Brazzaville 
Costa do Marfim	
Egito	Cairo
Eritreia	Asmara
Etiópia	Adis Abeba

PAÍS	CAPITAL/ BANDEIRA	
Gabão		
	Banjul	
Gana	Acra	
	Conacri	
	Malabo	
Guiné-Bissau	Bissau	
Djibuti	Djibuti	
Lesoto		
Libéria		
Líbia		
	Antananarivo	
	Lilongwe	
Mali	Bamako	
Marrocos	Rabat	
Maurícia		
	Nuaquechote	
Moçambique	Maputo	
	Windhoek	
Níger		

PAÍS	CAPITAL/ BANDEIRA
Nigéria	
Quênia	Nairóbi
	Bangui 
República Democrática do Congo	Kinshasa
Ruanda	
São Tomé e Príncipe	São Tomé
Seichelles	
Senegal	
	Freetown
	Mogadíscio 
Suazilândia	
Sudão	
Sudão do sul	Juba
Tanzânia	Dodoma
Togo	
	Tunís 
Uganda	
Zâmbia	Lusaka
Zimbabwe	
• Saara Ocidental	



*Conexão centro-africana
e a história e cultura
afro-brasileira*

África e Diáspora afro-brasileira: Nossos lugares?

Anteriormente conhecemos um pouco sobre o continente africano, neste novo espaço iremos aprender sobre a relação que a região centro-africana tem historicamente com o Brasil.

Você já ouviu falar em povos Bantu?

Sabe alguma contribuição desse povo para nós brasileiras/os?



São essas perguntas e outras que iremos descobrir um pouco através da História entre esses dois espaços.

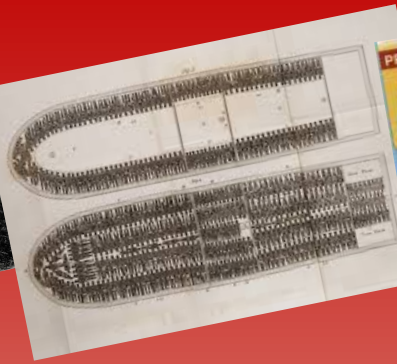
Antigamente aqui no nosso país antes de chamar-se Brasil, tiveram outros nomes e habitavam várias comunidades indígenas (Tupis, Tupinambás, Tupiniquins, etc.), a maioria viviam em lugares próximos de rios, com a chegada dos portugueses na costa litorânea e com o conflito entre eles, que foram por vários fatores: territoriais, sociais, dentre outros, essas comunidades foram se afastando e adentrando o território. Com esse primeiro contato houve exploração territorial e dessas populações indígenas para o trabalho escravo com a comercialização do Pau-Brasil e da Cana-de Açúcar, depois sendo substituída pela mão de obra de pessoas africanas escravizadas, através do tráfico transatlântico.

Esses grupos atravessaram o Atlântico e chegaram aqui forçosamente para trabalhar como escravizadas nos engenhos de açúcar no Recôncavo Baiano nos séculos XVI e XVII sendo a maior concentração nos canaviais, perdendo espaço quando a cana passa a ser mais cultivada no Caribe; nas explorações das minas de ouro e outros minérios na região central do país (Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, etc.). Nos séculos XVII e XVIII; nas plantações de café no Vale do Paraíba (Rio de Janeiro e São Paulo) nos séculos XVII e XVIII e também não podemos esquecer dos trabalhos servis dentro das cidades e dentro da casa grande durante esses três séculos.

No período de escravidão que também foi de resistência aqui no Brasil, algumas comunidades africanas também estavam resistindo a captura e submissão à escravidão que os europeus impunham, e também desde a travessia nos navios tumbeiros até o território brasileiro. Com a escravidão no território brasileiro também teve resistência, por meio de greves de fome, embriaguês, fugas que possibilitou a criação de comunidades conhecidas como Quilombos. Podemos pensar a relação entre o Continente Africano e o Brasil através da resistência, uma palavra que é viva até hoje no vocabulário do nosso cotidiano.

Esse tráfico de escravizados vigorou do século XVI até meados do século XIX, um longo período da história africana no mundo Atlântico. No século XVI eram capturados africanos da costa ocidental do continente, esses povos foram denominados de Jeje, Nagô, Guiné, que foram trazidos para trabalhar no Recôncavo- Salvador na Bahia, Pernambuco e Maranhão; no século XVII eram os denominados povos Bantus da região central do continente que vinham tanto para as Salvador quanto para Rio de Janeiro para fazer as explorações de minérios e territoriais ao centro-sul do Brasil e no século XVIII alguns povos da região oriental do continente para trabalhar nas plantações de Café entre Rio de Janeiro e São Paulo.





Dessa forma, o primeiro contato entre povos bantus e indígenas se deu através do período do tráfico transatlântico e escravidão nas Américas. Houve esse tráfico de pessoas, deslocando-as forçosamente de África para América e especificamente para o Brasil, formando assim a nossa diáspora afro-brasileira.

Nesse período os europeus estavam presentes tanto na costa litorânea de África quanto do Brasil, foi nesse processo que faziam a captura de pessoas africanas, dentre eles, muitos reis, nobres e pessoas importantes para as comunidades africanas. Foram arrancados de seus territórios, jogados sobre porões de

Tráfico Transatlântico: O tráfico transatlântico foi o maior deslocamento forçado de pessoas a longa distância ocorrido na história, tendo constituído, até meados do século XIX.

navios que ganharam o nome de tumbeiros e submersos aos mais perversos maus-tratos, inferioridade e desrespeito, ou seja, retirando a liberdade e a dignidade de muitas pessoas, como contrapartida esses povos resistiam como podiam, tanto com suicídios, quanto com fugas e revoltas.

Muitas dessas pessoas eram de uma comunidade da região centro-africana conhecidos como BANTUS, esses povos tinham alguns costumes, valores e cultura que nos foram transmitidas através da resistência e algumas sofreram processos de ressignificação.

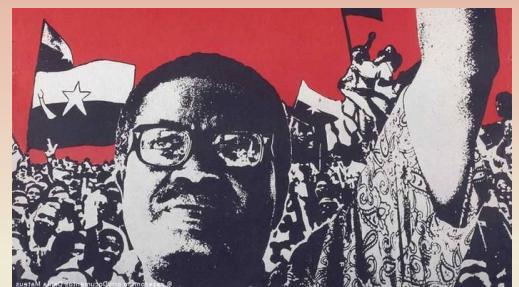
Você/s sabem alguns desses valores e costumes Bantus que temos na sociedade brasileira?



Relações mais recentes

Outro momento que também tivemos um elo muito grande de conexão foi no período em que o continente africano passava pelo Imperialismo no século XIX, e lutava para o fim desse sistema no século XX. A região centro-africana, mais propriamente a República Democrática do Congo conseguiu sua independência em 30 de junho de 1960 através de acordos com a França; o Congo também obteve independência através de acordos com a França em 15 de agosto de 1960; porém com Angola o modo de libertação foi diferente, o país teve que fazer conflito armado para a conquista de sua independência que foi conquistada em 11 de novembro de 1975.

No Brasil entre as décadas de 1960 e 1970 vivia-se uma ditadura militar e tinha ainda uma relação diplomática “amigável” com Portugal, o que dificultou a relação do Brasil com essa região central africana por um certo tempo. Somente depois com laços rompidos de Portugal, o Brasil reconheceu a independência de Angola e contribuiu com a reconstrução educacional através de Paulo Freire, mas não podemos esquecer de que essa aproximação também teve um viés econômico com olhar sobre o petróleo existente em Angola.



Já a partir dos anos 2000 podemos ver a crescente imigração de pessoas dessa região para o Brasil, vinham principalmente para São Paulo e Rio de Janeiro, o que ocasionou a criação de bairros com uma quantidade de imigrantes africanos/as e que construíram suas vidas aqui na diáspora. A partir de 2010 com a criação e inauguração da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira) no Ceará e em 2014 na Bahia, ambos possibilitaram que uma nova conexão fosse construída, agora através dos âmbitos educacionais... E assim nasceu a UNILAB.



“De acordo com sua Lei de Criação, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira tem como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional, vocacionada, portanto, para a cooperação internacional e compromissada com a interculturalidade”.



Cultura Afro-Brasileira: Parte de um Herança centro-africana



Esse povo chamado Bantus provém da região central do continente africano, foram forçosamente trazidos para o Brasil e contribuíram muito com a nossa formação cultural afro-brasileira. Esses povos tinham costumes, valores e culturas que resistiram ao tráfico transatlântico e a escravidão e se encontram presentes nos nossos dias atuais.

Abadá

Cochilar

Cafuné

Dengo

Fuleiro

Engabelar

Gandaia

Berimbau

Lero-Lero

Implicar

Os Bantus contribuíram tanto com vocabulário, quanto com a culinária, musicalidade, dança, vestimenta e religião.

A nossa língua-portuguesa tem raízes africanas e indígenas.

E você conhece mais palavras em bantu?

- Você(s) já ouviu/ouviram falar em Capoeira Angola?
- Sabe por que leva esse nome?

Capoeira Angola é considerada uma dança e luta afro-brasileira de origem bantu e que foi usada como forma de resistência contra a escravidão e como dança para celebrações.

Hoje a capoeira já é difundida em boa parte do território brasileiro, sempre prezando pela coletividade, corporalidade e instrumentalização (tendo como principal o Berimbau). Ainda hoje, a capoeira é muito mais frequente entre homens, mais já há muitas mulheres que praticam essa dança/luta.

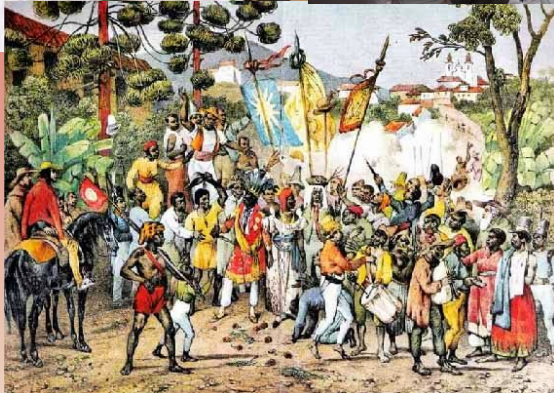
Algumas mestras: Mestre Janja (BA), Mestre Tizza (RJ), Mestre Jô (BA), Mestre Mara (BA), dentre outras.



Samba: ritmo musical e dança, que surgiu com a população negra, há relatos que seu surgimento foi na cidade do Rio de Janeiro e outras em Salvador. Esse ritmo ganhou várias formas: samba de roda, samba chula, samba rock, samba de gafieira, samba enredo, etc. e desenvolveu outros ritmos musicais como a Música Popular Brasileira (MPB) e a Bossa Nova. Há relatos que o samba é uma variação do semba (dança/música angolana). Esse estilo tanto musical quanto de dança, está presente no dia-a-dia do brasileiro o ano todo e em todas as regiões, cada uma com seu caráter festivo, religioso, etc.

Algumas sambistas: Dona Ivone Lara, Clementina de Jesus, Tia Ciata, Leci Brandão, dentre outras.

A Congada é uma celebração tradicional que surgiu no período da escravidão e que tem sincretismo religioso, já que nesse período os escravizados tinham que se converter ao catolicismo, então buscaram formas de adaptar a religião africana com a católica. Além disso, essa celebração tem o nome que deriva do país Congo e simboliza a coroação do Rei Congo e Rainha Ginga. Nessa celebração acontece a coroação, seguida por um grupo fazendo cortejo, cantando cantigas, tocando instrumentos e dançando.



O Jongo é uma dança que também surgiu no período da escravidão, em noites festivas os escravizados se reuniam e faziam danças e músicas em volta da fogueira. Essa dança é feita por um casal ou dupla que vai ao centro da roda e dançam juntos em círculo e em alguns momentos fazem a umbigada um ao outro. A dança é acompanhada por instrumentos, principalmente o tambor e o atabaque, são cantadas músicas e cantigas sobre a vida, sobre a resistência e até mesmo esquemas de fugas.

Essa dança é mais encontrada na região central e sudeste do país.



Agora vamos conhecer
um pouco sobre os 3
países centro-africanos:
Angola, Congo,
República Democrática
do Congo e o Brasil



Conhecendo Angola

Em 2012, a população de Angola foi estimada em 24,3 milhões de habitantes, sendo a densidade populacional média de 19 habitantes por quilômetros quadrados. Considerada uma população jovem com 47% dos habitantes menores de 15 anos e 47,9% entre 16 à 59 anos, a esperança de vida aumentou de 42,75 para 52 anos e a maioria da população vive em centros urbanos. Os habitantes em Angola são na sua maioria, povos de origem bantu (95%), mas existem numerosas etnias e comunidades mestiças derivadas da existência, no passado, de cidadãos provenientes de outras partes do mundo. Na generalidade, no território angolano distinguem-se quatro grandes grupos etnolinguísticos, sendo que dois primeiros representam mais de 60% da população angolana, nomeadamente:

- a) Ovimbundos (37%), a população angolana mais representada no país e que falam o Umbundo; localizados na região do Bie, Huambo e Benguela;
- b) Ambundos (25%), que falam o Kimbundo; localizados na região do Bengo, Cuanza Norte, Cuanza Sul, Malanje e uma parte do Uige;
- c) Bacongos (13%), que falam o Kikongo; localizados na região do Zaire, Cabinda e Uige;
- d) Tchokwes (8%), que falam o Tchokwe; localizados na região da Lunda Sul, Lunda Norte e Moxico.



Mapa de Angola (país)

Agora é a sua vez!

Busque na internet vídeos sobre a cultura de alguns dos povos-Kimbundu, Bacongo, Umbundu, Ambundos ou Tchokwes e relate um pouco sobre.



Dançando semba

Kisaka com peixe assado



Cultura:

Em Angola há comidas como por exemplo: Calulu (muito parecido com o caruru); tem a Kisaka (parecido com a maniçoba); Mufete e o mais tradicional é o Fungi com Gindungo (uma pasta parecida com polenta, junto com pimenta); dentre outros pratos típicos.

Em relação às músicas e danças, podemos falar de 3 ritmos : o tradicional semba, kizomba e kuduro que não faltam nunca em bodas (festas), batizados e casamentos. Semba e Kizomba são danças que são feitas em dupla/casal, já o kuduro é individual e quase sempre em roda.

É ou não é pura alegria?

Para saber mais existem vários vídeos sobre essas danças e músicas.

Principais indicadores

Nome oficial: República de Angola;

Nacionalidade: Angolana;

Data nacional: 11 de Novembro (Dia da Independência);

Capital: Luanda (6.500.000 habitantes);

Cidades principais: Luanda, Huambo, Lobito, Benguela, Lubango, Namibe, Malanje e Cabinda;

Língua oficial: Português;

Principais línguas nacionais/regionais: Umbundu, Kimbundu, Kikongu, Fiote, Tchokwe, N'Ganguela e Kunhama;

Moeda: Kwanza.



Bandeira Angolana

Conhecendo Brasil

O nome é República Federativa do Brasil, país que sofreu colonização portuguesa no início do século XVI e durou até o século XIX. Seu processo histórico é construído a partir das relações entre as populações indígenas, africanas e europeia. Foi colônia, Império e República. Seus principais meios econômicos foram : Pau-Brasil, cana de açúcar, minérios, café e petróleo.

O Brasil é dividido em 5 regiões: Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro. Dentro dessas regiões há vários Estados, que ao todo são 27 Estados Federativos.

Qual a região, Estado e cidade que você mora?



ÁREA: 8.515.767,049 km² (fonte IBGE);

CAPITAL: Brasília;

POPULAÇÃO: 210,01 milhões de habitantes (estimativa para junho de 2019 - fonte: IBGE) / Censo de 2010: 190.732.694 (IBGE);

QUANTIDADE DE MUNICÍPIOS: 5.570 (em junho de 2019);

MOEDA: Real (símbolo R\$);

NACIONALIDADE: Brasileira/o



COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA: Pardos: 43,1%, Brancos: 47,7%, Negros: 7,6%, Indígenas: 0,4%, Amarelos: 1,1% (Fonte: IBGE - Censo 2010);

IDIOMAS: português (oficial);

RELIGIÃO: Católica Apostólica Romana (64,6%), Evangélicos (22,2%); sem religião (8%), Espíritas (2%), outras (2,2%), não sabem (0,1%). (dados do Censo 2010). Dados completos sobre Religiões no Brasil.

LOCALIZAÇÃO: leste da América do Sul;

FUSO HORÁRIO: horário de Brasília;

CLIMA DO BRASIL: equatorial, tropical, tropical de altitude, tropical atlântico, subtropical e semiárido;

DENSIDADE DEMOGRÁFICA: 24,30 hab./km² (em julho de 2017);

CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO: 0,82% ao ano (de julho de 2017 para julho de 2018);

EXPECTATIVA DE VIDA: 75,8 anos (ano de 2016 - fonte: IBGE).



Conhecendo o Congo



Bandeira Congoleza



Localização: África.

Capital: Brazzaville.

Governo: República presidencialista.

População: 3.683.182 habitantes.
(Homens: 1.838.456; Mulheres: 1.844.726).

Divisão administrativa: 12 regiões, 86 distritos e 7 municipalidades.

Composição: Congos 48%, songos 20%, bateques 17%, embochis 12%, outros 3%.

Moeda: Franco CFA.

Relações exteriores: Banco Mundial, FMI, OMC, ONU, UA.

A República do Congo é um país da África Central, na fronteira com o Oceano Atlântico Sul, entre Angola (Província de Cabinda) e Gabão. Possui 12 departamentos: Bouenza, Brazzaville, Cuvette, Cuvette-Ouest, Kouilou, Lékoumou, Likouala, Niari, Plateaux, Pointe-Noire, Pool, Sangha. O porto principal é Pointe-Noire. Brazzaville é a capital e maior cidade.

Agora é com você!

Procure no mapa ao lado, identificar os 12 departamentos e busque informações sobre uma dessas regiões.

Extensão territorial: 342.000 km².

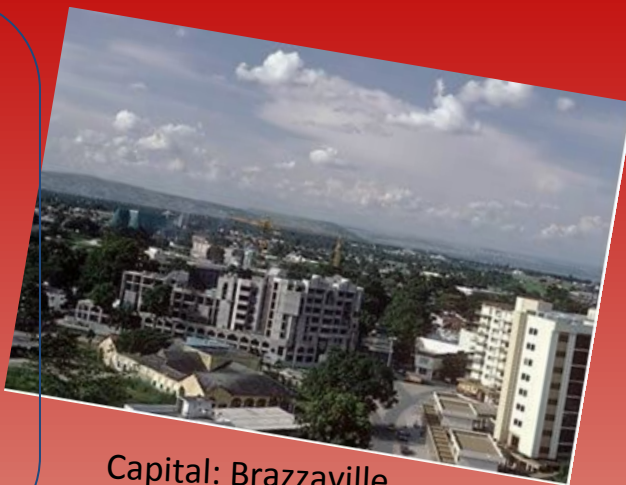
Clima: Equatorial (ao norte) e tropical (ao sul).

Densidade demográfica: 10,7 hab/km².

Índice de Desenvolvimento Humano (IDH): 0,4489.

Produto Interno Bruto (PIB): 10,7 bilhões de dólares.

PIB per capita: 1.938 dólares.



Capital: Brazzaville



Apresentação da seleção congoleza na Copa da África, 2019.

Data Nacional: 15 de agosto de 1960

Idiomas: Francês (oficial), quicongo, lingala.

Religiões: Cristianismo 89,6% (católicos 49,7%, protestantes 11,2%, outros 28,7%), crenças tradicionais 5,1%, sem religião e ateísmo 3,1%, outras 2,2%.



Apresentação em Comemoração dos 50 anos de Independência

Conhecendo a República Democrática do Congo-RDC

Governo: República Presidencialista

Presidente: Félix Tshisekedi

Primeiro Ministro: Bruno Tshibala

Capital: Kinshasa

População: 81,9 milhões de habitantes (estimativa 2018)

Área: 2.344.858 km²

PIB per capita, US\$:458 (2017)

PIB, bilhões em US\$ atuais:37,2 (2017)

Moeda: Franco Congolês

Nacionalidade: congoleza

Línguas: Francês (oficial), Lingala (a língua franca), Kingwana/ Swahili, Kikongo Tchokwe e Tshiluba.

Divisão administrativa: 26 províncias

Data Nacional: 30 de junho de 1960

Bandeira do país



Mapa da República Democrática do Congo (país)



Nossa pesquisa!

Faça uma breve pesquisa em internet e livros, sobre algum costume cultural desse país e descreva.

Capital: Kinshasa



GEOGRAFIA:

Localização: Continente Africano:

Cidades Principais: Kinshasa, Lumbumbashi, Gemena, Bandundu, Kananga;

Clima: equatorial úmido;

Fuso horário: UTC+1;

Densidade demográfica: 34,92 hab./km² (estimativa 2018).

Torcida Congoleza



DADOS CULTURAIS E SOCIAIS:

Composição da População: lubas (18%), congos (16%), mongos (13%), outros (53%)

Religiões principais: cristianismo (cerca de 95%), outras religiões (5%).

IDH: 0,433 (pnud 2014) - baixo

PRINCIPAIS DADOS DA ECONOMIA:

PIB (Produto Interno Bruto): US\$ 68,7 bilhões (estimativa 2016)

PIB per capita: US\$ 817 (estimativa 2016)

Força de trabalho: 25,6 milhões de trabalhadores (estimativa 2016)

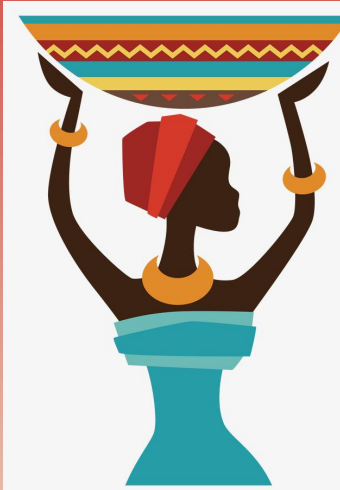


Mulheres Congolezas.

Mulheres, Reinos e Resistências



Nos conhecendo: Eu, Você e Nós



Até agora vimos algumas informações geográficas que nos ajudaram a saber um pouco mais sobre o continente africano e a região centro-africana. Daqui em diante iremos acompanhar as histórias de mulheres africanas e outras personagens da diáspora afro-brasileira.



Agora é a nossa vez de refletir!

Quais mulheres você conheceu na História até hoje?

Você já ouviu falar em alguma mulher africana?

Você tem contato com muitas mulheres?

Quais histórias elas contam de si ou de outras mulheres?

Se você é mulher ou se fosse uma, como contaria a sua História?

Para enaltecer as suas respostas daqui em diante faremos uma viagem em busca de conexões, encontros e aprendizados, a partir dessas histórias de mulheres que foram símbolos de resistência para sua região no passado. Fatos que influenciam diretamente no nosso modo de ser nos dias de hoje.

Estão preparadas/os?



N'zinga Mbande

N'zinga, N'jinga ou N'ginga é o nome de uma mulher de origem africana, que teve um grande papel e influência em duas regiões (Ndongo e Matamba), que é atualmente o país Angola. Essas duas regiões eram compostas por Reinos da qual existiam linhagens para o seu reinado, e assim N'zinga virou rainha e protegeu o Reino do Ndongo e o Matamba contra os portugueses no século XVII e contra o tráfico de escravizados, onde uma parte do território chamado Luanda tornou-se um porto de tráfico de escravizados nessa época.

Sobre N' Zinga há várias narrativas de sua vida, algumas consideram que por ela ser guerreira, quando tinha alguma relação amorosa, logo após a relação ela matava o companheiro; outra história que muitos não sabem é a causa da sua morte de fato, consideram as vezes até bruxaria; e por fim, há boatos que narram que seu irmão foi morto por ela, por vingança da morte do teu filho. São tantas histórias que nunca saberemos o que de fato houve, uma coisa é certa, N'zinga foi uma mulher muito guerreira, inteligente, estudiosa, diplomata, soube governar, militar, guerrilhar, negociar e proteger as regiões e as comunidades que ali viviam. Várias vezes ela como rainha fez negociações e esteve envolvida em conflitos das quais seu exército obteve vitórias em cima dos exércitos português, ou seja, de fato N'zinga foi **uma personagem marcante**.

Você está preparada/o para mergulhar e conhecer um pouco mais sobre essa mulher poderosa?

Em um dia de verão, num lugar um pouco distante do Brasil, havia uma região em outro continente tão rico quanto nossa pátria, o continente africano, que é bem mais antigo que nosso país. Numa parte desse continente, havia uma região que era conhecida como Reino do Matamba e N'dongo, atualmente são países chamados Angola, República Democrática do Congo e o Congo, formando a região central do continente, (vimos no capítulo anterior um pouco desses países).

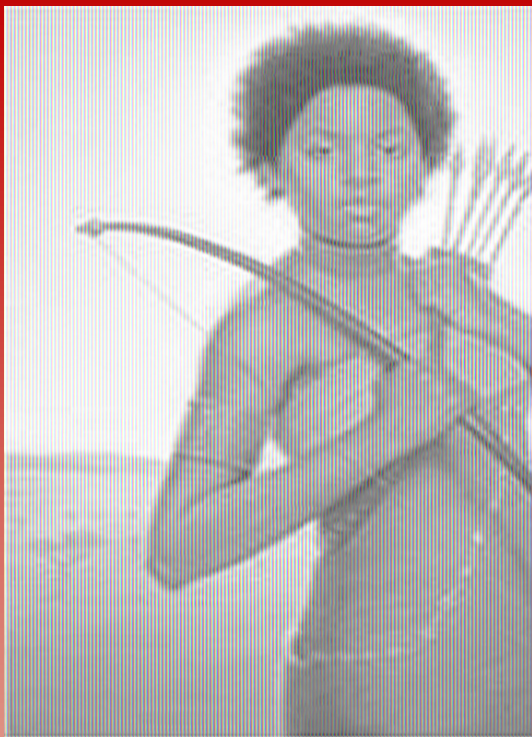
Nesses Reinos viviam famílias reais e nobres, que tinham seus costumes, modos de vida, os mais velhos cuidavam e ensinavam os mais novos, transmitiam seus costumes de geração por geração, também tinham a hierarquia social e de linhagem. Uma dessas famílias tinha alguns filhos e filhas, todos jovens e alegres, a mãe e o pai eram a rainha e o rei da região, mais também tinha toda a comunidade ao seu redor formando esses reinos.

Num belo dia, essa região começou a receber algumas pessoas diferentes das que ali habitavam, era o primeiro contato com os europeus, só que ninguém imaginava que aquele contato não era tão benéfico assim. No começo o reino e os portugueses tinham alguns acordos comerciais de tecidos, marfim e armamento, mais como o passar do tempo, esse comércio passou a ser ocupado pelo tráfico de seres humanos.

Conseqüentemente, algumas pessoas perceberam que no reino haviam pessoas sendo capturadas, vendidas e trazidas para os grandes navios que atravessavam o Oceano Atlântico e chegaram às Américas, sendo o maior contato com o Brasil, assim firmando-se uma diáspora afro-brasileira. Para aquele povo dos reinos esse contato e travessia, foram se intensificando e prejudicando cada vez mais o seu modo de vida. Dessa forma, os nobres estavam sendo vendidos, morrendo, ficando doentes, foi o momento dos jovens cuidarem das suas terras e povo. O rei adoeceu e foi nesse momento que uma das filhas se tornou a rainha...

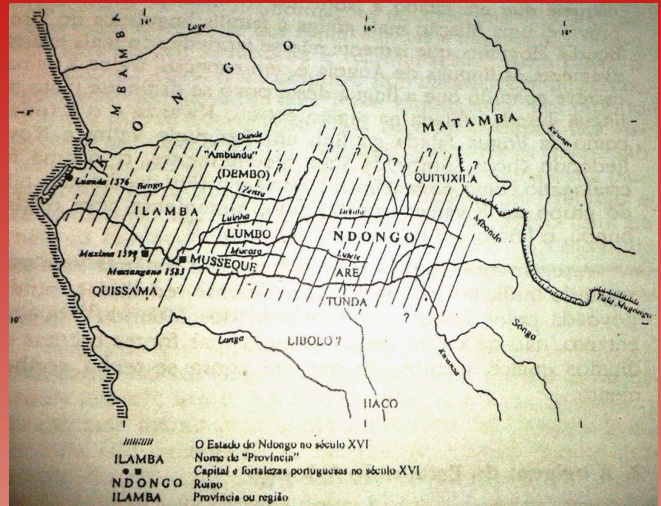
Sabe por que?





Representação da N'zinga como guerreira

Mapa da região N'dongo e Matamba



Fonte: HEINTZE, Beatriz. *Angola nos séculos XVI e XVII*. Luanda: Kilombelombe, 2007. p.173.

Essa filha se tornou a rainha da Matamba e do N'Dongo, porque era muito corajosa, sabia guerilhar, conhecia seus territórios, o povo da região, a arte de cuidar da sua cultura e costumes, então seu pai resolveu nomeá-la em rainha ao invés dos filhos. Nesse momento N'Zinga se torna a Rainha N'Zinga Mbande dos Reinos de Matamba e Ndongo, (imagens acima retratam a rainha e a região do N'Dongo e Matamba).

Lembram que a região estava sofrendo com o período do tráfico de escravizados?

Então, N'Zinga começou a mobilizar sua população para resistir e manter com seus modos de vida, organizou exército e buscou estratégias para lidar com os portugueses. Uma das estratégias era a conciliação sobre a religião católica, há histórias onde narram que ela se converteu e recebeu um nome português (Anna Beatriz/ Ana Sousa), essa estratégia possibilitou que ela ganhasse a confiança dos portugueses e fizesse acordos de paz, já que a região estava sendo devastada pelos ataques que vinham sofrendo.

Uma outra estratégia era que N'Zinga mostrava seu poderio para os portugueses, em alguns momentos de negociações, ela buscava ter o contato mais próximo possível mostrando que era superior à imposição portuguesa. Outros relatos eram que no dia em que havia ido a Luanda para fazer um dos acordos com os portugueses, eles só cederam o chão para se sentar enquanto o nobre português sentava em uma cadeira, então N'zinga sinalizou para que uma das acompanhantes ficasse na posição de como se fosse "engatinhar" e sentou-se em cima para ficar na mesma altura que o português, somente após essa postura ela iniciou uma negociação de paz (ver imagem na página seguinte).

Também não podemos esquecer o esquema tático que ela utilizava para derrotar os exércitos de portugueses, como ela conhecia a região, adotou práticas de ataques e militarização, assim mostrando novamente sua sabedoria em guerrilhar e liderar em busca da liberdade territorial e da população.

O importante é perceber que N'Zinga foi uma mulher guerreira e símbolo de liberdade para seu povo, conseguiu vencer o exército português e se tornar rainha mesmo tendo irmãos (já que a linhagem era patriarcal) e até hoje ela é lembrada em Angola, sendo um ícone da mulher angolana, servindo de inspiração para as frentes de libertação no período das independências contra o imperialismo do século XIX e XX.

E você(s) já ouviram outras histórias como a dela?



Negociação de N'zinga com os portugueses.



Representação de N'zinga como guerreira.

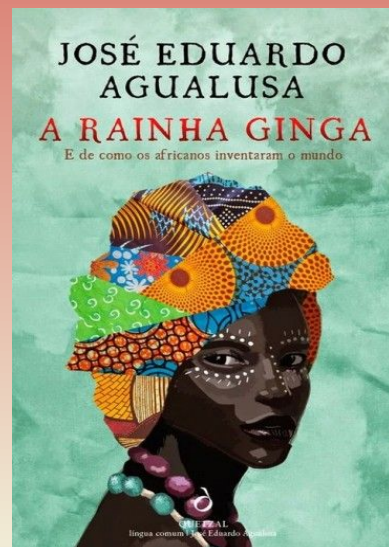
Mais sugestões

Livro contando a história em quadrinhos feito pela Unesco

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000230931>

Livro Rainha Ginga

<http://lelivros.love/book/baixar-livro-a-rainha-ginga-jose-eduardo-agualusa-em-pdf-epub-e-mobi/>



Filmes:

Atabaque N'zinga:

<https://www.youtube.com/watch?v=7XKILmFGQLo>

N'Jinga, Rainha de Angola:

<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-227791/trailer-19537828/>



Kimpa Vita



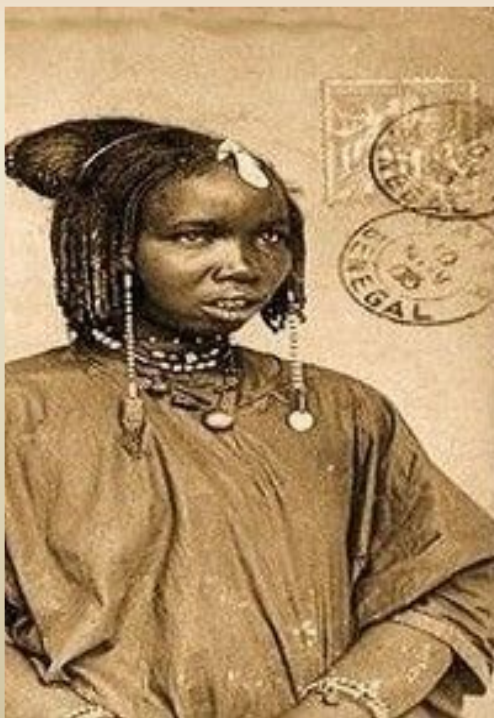
Kimpa Vita foi considerada profetiza nos séculos XVII e XVIII, na região do Reino do Congo por ser um símbolo do catolicismo, porém não era um catolicismo ocidental, esse movimento iniciado por ela, havia uma mescla da cultura bakongo (povos de origem bantu e que viviam naquela região). Esse movimento foi conhecido como Antonianismo, há narrativas de que Kimpa Vita morria toda sexta e ressuscitava no terceiro dia, por isso, foi associada com o Santo Antônio. Na conversão para o catolicismo ela ganhou o nome de Beatriz/ Ana Beatriz, e também conseguiu alguns acordos com os europeus que estavam ali no Reino do Congo.

Nesse período o Reino estava passando por ataques e a influência do tráfico de escravizados, já que a região era rica em minérios (ouro, diamante e petróleo), foi nesse cenário que nasceu Kimpa Vita, sendo filha de uma família nobre do Reino do Congo. Ao crescer converteu-se ao catolicismo, passando a fazer conversão de mais pessoas, mas com o passar do tempo, Kimpa Vita, começou a pregar influências locais e adaptar com a religião, fazendo um sincretismo religioso e passou a relatar acusações de tais práticas católicas, como por exemplo: o batismo, confissão e casamento, considerados sem sentido, já que “Deus conhece o segredo dos corações”.

“Kimpa Vita dizia jantar todas as sextas-feiras, após “morrer”, para ressuscitar” no dia seguinte. Santo Antônio, por outro lado, santo mui valorizado na missão realizada no Congo, era a persona assumida pela profetisa, por ela chamado de “segundo Deus”. Africanizando o catolicismo, “a Santo Antônio congoleza” dizia que Cristo nascera em São Salvador, a verdadeira Belém, e recebera o batismo em Nsundi, a verdadeira Nazareth. Afirmava ainda que a Virgem Santíssima era negra, filha de uma escrava ou criada do Marquês de Nzimba Npanghi e que São Francisco pertencia ao clã do Marquês de Vunda. O catolicismo do movimento antoniano era, portanto, muitíssimo original, implicando uma leitura banto ou bakongo uma mensagem cristã.” (VAINFAS; SOUZA, p.11-12)



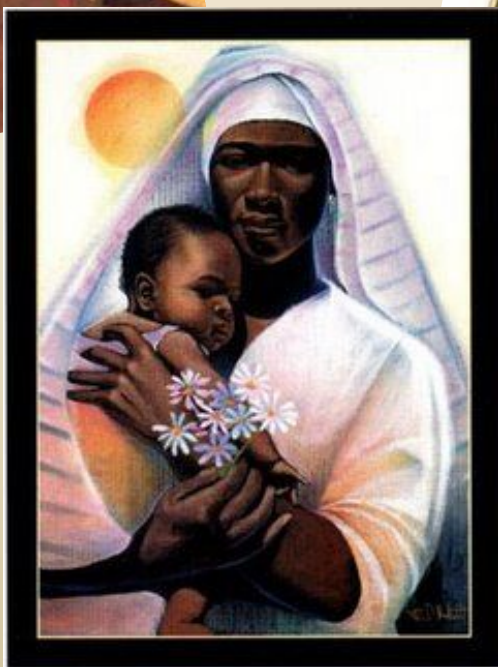
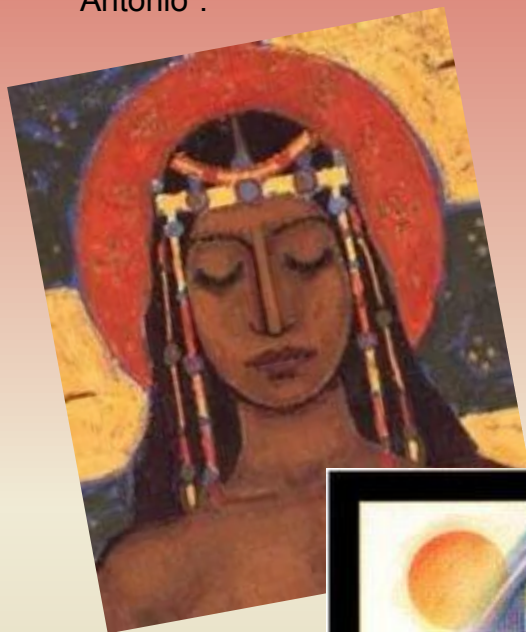
Crucifixo, em liga de cobre Kongo, séc. XVII. Museu Berlim



Kimpa Vita começou a utilizar sua influência em conquistar pessoas para a religião, ela propagava que foi escolhida para fazer o repovoamento da região Mbanza Kongo e alegou que Maria, Jesus eram descendentes de africanos, também recusava o uso da cruz e introduziu práticas de danças locais para a religião.

Essas ações despertaram desconfianças nos europeus e então estes iniciaram uma série de conflitos religiosos e denunciaram Kimpa como uma herege. Quando descobriram que ela tivera um filho e estava a amamentar, os europeus missionários começaram a espalhar que ela era uma farsa e que era uma herege e merecia ser executada e queimada.

Em 1708, ela foi presa, colocada em praça pública e jogada em uma fogueira, sendo totalmente queimada, junto com o seu anjo da guarda “Santo Antônio”.





Lueji A'Nkonde

Lueji assim como ficou conhecida na História é uma dessas mulheres que também representa a organização social, resistência e sabedoria na região centro-africana. Seu nome é Rweej ou Nawej, tornou-se Lueji pelo contato com os portugueses que não sabiam pronunciar o nome na língua oficial tchokwe.

Lueji não lutou contra a escravatura e o colonialismo como as duas guerreiras anteriores, mais ela foi símbolo de resistência porque chegou ao poder, rompendo o sistema patriarcal e lutou bravamente com seus irmãos que tentavam deslegitimar seu poderio, enquanto rainha também ajudou o seu povo com questões de trocas comerciais e desenvolvimento na agricultura.

Ou seja, essas mulheres foram ou não foram símbolos de resistência e sabedoria???



“[...]”, inicia Pepetela- Kondi, o pai de Lueji e chefe do conselho do Tubungo (conselho formado por chefes das diferentes linhagens, chefiados por uma espécie de rei) foi atacado pelo seu filho e provável herdeiro, Tchinguri, que, influenciando seu outro irmão, Chinyama, atentou contra a vida de Kondi. Antes de falecer, como seus filhos homens o traíram, Kondi decidiu passar o lukano – pulseira que simboliza o poder e a autoridade de chefe do conselho – a Lueji, sua única filha, solteira, com o compromisso de que, no futuro, ela o passasse ao seu filho, já que, pela tradição, se dizia que aos homens cabia o poder de chefia e a linhagem de Kondi se dizia a única descendente direta de “Tchyanza Ngombe, a mãe Nhaweji, a grande serpente que criou o Mundo” , justificando que o poder não deveria ficar fora de sua linhagem. Instaurou-se, assim, uma crise sucessória. (...)” (MARCON: 13)





Após o período de escravatura na região centro-africana, também houve um novo momento de reestruturação das suas sociedades e povoamento, tudo caminhava para uma nova etapa. Quando de repente aquela região se deparou com outro tipo de situação: o período colonial imperialista, novamente os europeus entram a princípio em contato “superficial” e ao longo do tempo consegue devastar os territórios e impor a população a novos costumes ocidentais. Por conta dessa situação de dominação tanto portuguesa quanto belga, a região que tinha o Reino Lunda (que atualmente são os três países: Angola, República democrática do Congo e Zâmbia) se dividiu em três reinos (Luba-Tchokwe- Ndembo).

Foi nesse cenário que nasceu nossa Rainha Lueji, filha de uma nobreza, teve dois irmãos. Cresceu aprendendo sua cultura e costumes, conviveu com o imperialismo europeu. Mas a sua resistência não foi contra esse sistema e sim com seus irmãos. Num dia de domingo seus irmãos foram passear e embebedaram-se, ao chegar em casa tiveram uma pequena discussão com o vosso pai, resultando em agressão. Como o pai já era velho, aquelas pancadas lhe causaram algumas infecções internas, fazendo com que ele não pudesse mais governar.

Então o velho pai convocou uma reunião e decidiu ali naquele momento passar o poder de governar para sua filha Lueji. Nesse instante ele passa um *Lukano* (pulseira) que é o símbolo de poder e Lueji se torna Rainha. Seus irmãos ficaram inconformados com tal atitude do pai e provocam vários conflitos com Lueji por longos anos. Podemos perceber que o patriarcado era forte e o fato de uma mulher governar fugia das “regras”, por isso os irmãos fizeram o possível para tirar o poder da Rainha Lueji. Como rainha soube governar, mesmo sofrendo os ataques dos irmãos.

Certo dia aconteceu um roubo no reino, logo que descobriram quem era o suspeito, Lueji mandou prender e torná-lo servo do reino. Nesse meio tempo, esse servo passou a se relacionar amorosamente com a prima de Lueji e posteriormente com a própria Lueji, que logo o declarou livre e se casou, causando indignação e revoltas por parte da população, nesse mesmo tempo o imperialismo europeu estava no ápice. Foi a partir dessa situação que Lueji perdeu seu poderio sobre o Reino Lunda.

Importante ressaltar que com todas as dificuldades impostas, Lueji contribuiu muito para a população tanto com a agricultura quanto com trocas comerciais.



Bandeira do Reino Lunda

Máscara Lunda



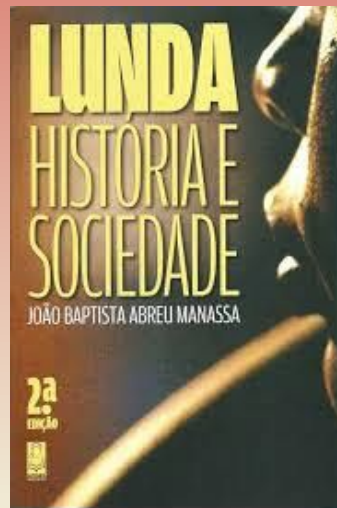
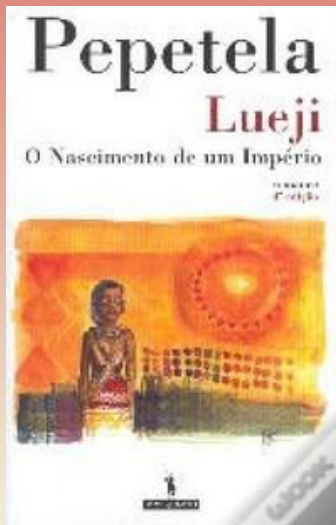
Mais sugestões

Livros:

Expedição portuguesa ao Muatiânvua 1884-1888- Henrique Augusto Dias de Carvalho, 1890.

LUEJI: O nascimento de um Império- Pepetela, 2015.

LUNDA: História e Sociedade- João Baptista Abreu Manassa, 2014.



Periódicos:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=343242&pesq=Imp%C3%A9rio%20Lunda>

Vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=H2MsgPeES0M>



Mulheres Africanas e Afro-Brasileiras na Contemporaneidade



Mulheres no século XX e XXI

Esse capítulo foi pensado no sentido de aproximar e fazer conexões com o tempo presente, refletindo sobre suas trajetórias ao longo da história! Daqui em diante veremos algumas das suas contribuições acadêmicas, intelectuais, sociais e históricas.

Você já parou para pensar em quantas mulheres negras há no Brasil? e no mundo?



Também já pensou quais lutas, resistências e conquistas que elas têm/tiveram ao longo da vida?

Quais Mulheres negras você já estudou na História?

As Mulheres Africanas são:

- Ana Paula Tavares- Angolana, (1952);
- Chimmamanda Ngozi Adichie- Nigeriana, (1977);
- Yaa Gyasi- Ganesa, (1989).

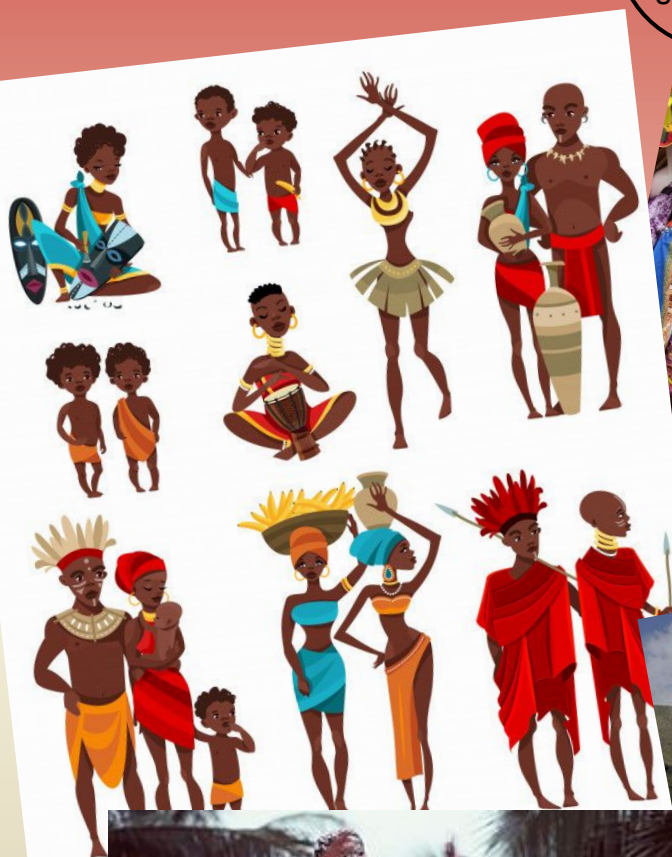
As mulheres afro-brasileiras são:

- Carolina Maria de Jesus- Mineira (MG), (1914);
- Mãe Stella de Oxóssi- Baiana (BA), (1925);
- Maria Beatriz do Nascimento- Sergipana (SE), (1942);



Mulheres Africanas

As mulheres africanas sempre estiveram presentes na organização das sociedades desde antiguidade até a contemporaneidade. Mulheres africanas são a base inicial, são responsáveis pela família, pela comunidade, pela agricultura, pelo comércio, dentre outras circunstâncias históricas e sociais. Elas são a dinâmica da vida, sempre estiveram à frente da economia, política, organização, combate aos conflitos, guerras e sempre buscando formas de resistências e de sabedoria para salvaguardar sua comunidade.





Ana Paula Tavares

"A oralidade é meu culto"- Ana Paula Tavares

Ana Paula Tavares escritora e historiadora angolana, expressa em suas obras questões sobre as mulheres, a revitalização da oralidade e a História angolana pós independência, sendo considerada uma das primeiras mulheres expor poemas sobre a História angolana. Nascida em Lubango, província da Huíla em Angola, no ano de 1952, viveu boa parte da sua infância e juventude na região, formou-se em História, Literatura brasileira e africana e doutorado em Antropologia. Estuda sobre cultura, museologia, arqueologia e etnologia, patrimônio e ensino, contribuiu em algumas instituições nacionais e internacionais, por exemplo, CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; o AHNA (Arquivo Histórico Nacional de Angola; Comité Angolano do Conselho Internacional de Museus (ICOM); Comité Angolano do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS); e da Comissão Angolana para a UNESCO. Sempre buscou contribuir com sua comunidade e país, ajudou no resgate pela tradição oral angolana e a reconstrução cultural do país. Tem poemas escritos em diversos jornais e revistas angolanos e internacionais como em Portugal, Brasil, Cabo Verde. As suas obras publicadas são: Ritos de Passagem (1985), O Sangue da Buganvília (1998), O Lago da Lua (1999); 2001 – *Dizes-me coisas amargas como os frutos*. Lisboa: Caminho; 2003 – *Ex-votos*. Lisboa: Caminho; 2004 – *A cabeça de Salomé*: Lisboa: Caminho; 2005 – *Os olhos do homem que chorava no rio*. Em parceria com Jorge Marmelo. Lisboa: Caminho; dentre outros.



Fragmento do
Poema: Lago da Lua
(1999)

No lago branco da lua
misturei meu sangue e
barro branco
e fiz a caneca
onde bebo
a água amarga da minha
sede sem fim
o mel dos dias claros.
Neste lago deposito
minha reserva de sonhos
para tomar.”



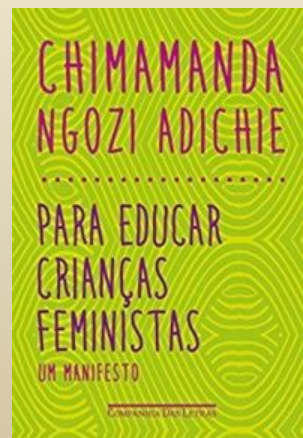
Chimamanda Ngozi Adichie

"Escolher escrever é rejeitar o silêncio".-Chimamanda Adichie

Chimamanda é uma das mulheres africanas mais conhecida na contemporaneidade, tanto pelos seus livros quanto por suas palestras nas conferências do TED (tecnologia, entretenimento e design). Nascida na cidade de Nsukka na Nigéria em 1977, é pertencente a comunidade Igbo. Mudou-se para os Estados Unidos da América (EUA) aos 19 anos, estudou comunicação e ciência política. Escreveu coletânea de poemas em 1997, seguidamente publicou os livros: *Hibisco Roxo* (2003) um romance que mistura real com ficção e traz nuances sobre política, questões sociais e religiosas na Nigéria; *Meio Sol Amarelo* (2006) um romance que se passa no momento da guerra civil na Nigéria; *Americanah* (2013) um romance que se passa nos EUA, traz narrativas e desafios sobre imigração, gênero, raça e nos mostra os estereótipos que o continente africano sofre mundialmente e busca mostrar um olhar diferente para África; e os mais recentes livro-carta: *Sejamos todas feministas* e *Para educar crianças feministas*, ambos prezam pelo ideal do feminismo como uma prática de equidade social que deve haver para romper o machismo, sexismo, etc. Também deu palestras no TED em 2009 falando sobre a experiência de mulher negra nos EUA e o perigo de história única e em 2012 falou sobre o feminismo, o que deu origem aos dois últimos livros. Chimamanda é uma mulher africana contemporânea que busca contribuir com sua comunidade e mostrar outros olhares sobre o continente africano, um olhar para além do que a mídia e os imaginários históricos e sociais constroem. Podemos perceber que ela traz narrativas e experiências nos seus livros e palestras que contribuem para fazermos reflexões e buscar um olhar crítico sobre os estereótipos, preconceitos e desigualdades que foram criados e multiplicados desde antiguidade e que vigoram até os dias de hoje.

"O problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos."

"A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da cultura, então temos que mudar nossa cultura."





Yaa Gyasi

“O guia nos contou que soldados britânicos que moravam e trabalhavam no castelo costumavam se casar e viver por lá com as mulheres da cidade, enquanto os escravos eram mantidos presos no local.” -Yaa Gyasi

Yaa Gyasi é uma das mulheres africanas na literatura que alcançou um apogeu em 2016 com o lançamento do seu livro “O caminho de casa”, sendo muitas vezes comparada pela mídia com a Chimamanda Adichie. Nascida em Gana no ano de 1989, filha de um professor e uma enfermeira, mudou-se para os Estados Unidos aos dois anos de idade. Sendo uma das mais novas escritoras africanas na atualidade, vem ganhando espaço e trazendo narrativas, relatos e experiências através do seu livro que narra a história de duas meias-irmãs que são separadas e vivem nos dois lados do Atlântico por causa do tráfico de escravizados que ocorria na costa ocidental do continente africano no século XVIII, essa história mostra como foi esse processo e que deixou marcas até os dias de hoje. Não se sabe muito sobre sua formação e mais detalhes de sua vida, mas ela conta em entrevistas que o motivo para escrever esse livro foi retornar para seu país de origem e numa visita ao Castelo da Costa do Cabo de Gana, local em que escravos eram mantidos em cárcere privado, ela teve sensações de tristeza e raiva, sendo motivação para escrever o livro e abordar essa narrativa da escravidão e tráfico que é tão presente na história do continente e mostrar o impacto de tais momentos históricos. Ganhou alguns prêmios em relação ao livro e esse livro já tem publicação no Brasil.

O romance começa então no século XVIII, com a separação das irmãs Effia e Esi que nasceram em Gana, nem chegaram a se conhecer e foram criadas em lugares diferentes. Só possuem em comum o laço sanguíneo (o pai) e o fato de terem vivenciado de perto a crueldade da escravidão(...)

Effia foi vendida para ser ‘esposa’ de um homem branco, James Collins, e passa a viver no Castelo de Cape Coast. Depois do casamento forçado, Effia tem um filho, Quey, que dará continuação a essa história.

Esi, ao contrário da irmã, recebeu carinho em sua criação até o dia em que sua aldeia foi invadida e ela raptada, trancafiada e violentada, e daí em diante a sua única alternativa foi tentar sobreviver, pois logo foi embarcada com destino à América, onde foi vendida como escrava. Durante todo seu sofrimento também terá seus descendentes que continuarão a sua história.

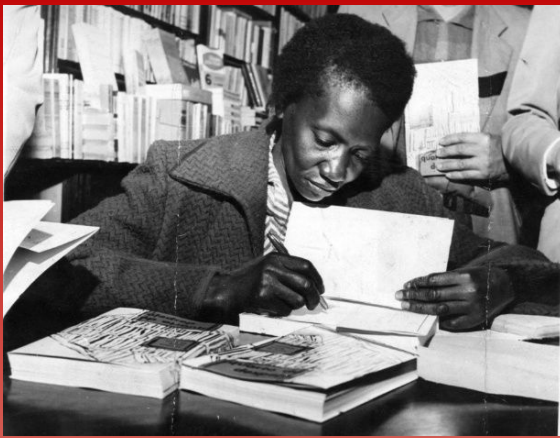
Breve resumo do início do livro “O caminho de Casa”



Mulheres Brasileiras

As mulheres afro-brasileiras desde o contato com o ocidente (período do tráfico e escravidão), tiveram que buscar meios de resistências e valorização na sociedade. Por isso que na História no Brasil, sempre a vemos de forma sucinta ou sequer percebemos as suas contribuições. Mas o que importa é que as mulheres afro-brasileiras sempre estiveram presentes e contribuíram para a história, tanto pela sua importância como geradoras do futuro, quanto produtora de resistências e saberes. A mulher afro-brasileira, sempre teve várias funções sociais, desde dentro de casa e em família como nas ruas, escolas, universidades, trabalho, dentre outros espaços.





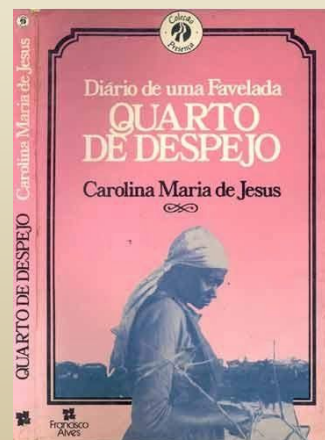
Carolina Maria de Jesus

“A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago.”
Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus é uma das mais importantes escritoras negras do Brasil. Nascida no interior de Minas Gerais, em 1914, criada por sua mãe junto de 9 irmãos. Na sua infância e juventude, estudou até o 2º ano primário porque precisava trabalhar para ajudar com renda em casa. Quando mais velha mudou-se para São Paulo, foi morar numa favela do Canindé, era catadora de papel como meio de sobrevivência dela e de seus 3 filhos. Em um dia encontrou um caderno e começou a fazer anotações sobre o seu cotidiano na favela, suas formas de resistir e fazia denúncias da realidade excludente em que viviam os negros. Em 1960 Carolina foi abordada e teve apoio de um jornalista, fazendo com que o seu diário: “Quarto de Despejo” fosse publicado. Esse livro foi um grande sucesso, vendeu muitos exemplares e foi traduzido para 29 idiomas. Uma obra marcada e que impressionava o mundo pela força de sua narrativa e pelo depoimento que retratava a fome e a miséria dos favelados e negros. Em suas denúncias podemos destacar o medo que a classe dominante tem em perder sua hegemonia e relata as experiências de ser uma mulher negra, pobre e favelada. No Brasil por muito tempo não foi considerada importante, mais ganhava destaque internacionalmente. Carolina faz outras obras marcadas pela discriminação que sofreu quando criança e jovem, algumas obras: “Diário de Bitita”, pela editora Nova Fronteira; “Casa de Alvenaria”, “Provérbios” e “Pedaços da Fome”. Morreu em 1977 na mais completa miséria.

“Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. Depois fui lavar roupas. Eu não tenho homem em casa. É só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela.”

(Trecho do livro: Quarto de Despejo)





Mãe Stella de Oxóssi

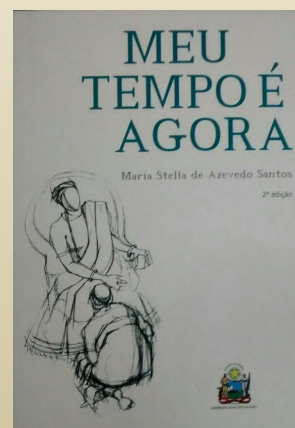
"O idoso é detentor de grande axé, respeite-o!" Mãe Stella de Oxóssi

Maria Stella de Azevedo Santos mais conhecida como Mãe Stella de Oxóssi foi uma grande e importante personagem dos saberes religiosos e tradições africanas no Brasil. Nascida em maio de 1925, no Pelourinho em Salvador/ BA. Estudou e cursou enfermagem com ênfase em saúde pública e trabalhou na área por 30 anos. Já na questão religiosa foi iniciada no Candomblé ainda na juventude, sendo escolhida pelo orixá Xangô mais guiada por Oxóssi. Ela foi muito importante para o candomblé combateu a intolerância e o sincretismo religioso, ressaltando a origem da religião e suas práticas que tinham tradição africana e era afro-brasileira. Foi a primeira mãe de santo a escrever livros e artigos sobre sua religião. Foi escolhida por Xangô e pelos búzios para ser a ialorixá do terreiro de São Gonçalo do Retiro na Bahia. Também fez algumas viagens para alguns países africanos como por exemplo, Nigéria, sempre com o objetivo de aprofundar seus conhecimentos e reintroduziu cargos religiosos. "Fiel zeladora dos cultos afros, soube habilmente estimular a transformação de parte da milenar tradição oral em uma herança escrita, possibilitando o acesso e a compreensão de um maior número de pessoas ao rico simbolismo da religião dos terreiros. Publicou dois livros e prefaciou vários. São seus: "E daí aconteceu o encanto", com coautoria de sua filha Cléo Martins, e "Meu tempo é agora". Morreu em dezembro de 2018 decorrente de uma infecção generalizada." (BRAZIL; SCHUMAHER, p.410)

(...)Devem observar o comportamento dos mais velhos, e dos Olóyè; falar pouco e abrir os ouvidos.

(...) Todos os iniciados têm de se conscientizar de que são a essência desta religião milenar, tão deturpada. São sacerdotes de Orisa, seu templo, a religião do Orun com a terra: passado, presente e futuro.

(Trecho do livro: "Meu tempo é agora")





Maria Beatriz do Nascimento

“Um retrato, Um retrato, Um espelho. Um rosto, Um outro rosto. Quantas faces de si em si mesma?”- Maria Beatriz Nascimento

Maria Beatriz Nascimento Historiadora e ativista do movimento negro, participou ativamente dos movimentos negros e de gênero. Nascida em julho de 1942, em Alagoas no Estado de Sergipe, criada por sua mãe e pai, junto de mais 10 irmãos, aos 7 anos mudou com a família para o Rio de Janeiro. Quando jovem cursou História na Universidade Federal do Rio de Janeiro, fazendo mais especializações na área. Nesse mesmo período, fazia estágio em Pesquisa no Arquivo Nacional, seguidamente tornou-se professora de História da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro. Fez pesquisas sobre Sistemas alternativos organizados pelos negros: dos quilombos às favelas e tinha como objetivo principal estabelecer a possível continuidade dos quilombos com favelas em determinadas cidades brasileiras. Essas pesquisas e estudos, estiveram sempre entrelaçados com suas lutas pela população negra e formas de resistir e denunciar as desigualdades com busca de melhoria para a população. Era ativista tanto nos movimentos negros quanto nos de gênero. Alguns de seus escritos são: Por uma história do homem negro; Negro e racismo; A mulher negra no mercado de trabalho; Nossa democracia racial; Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso; O conceito de quilombo e a resistência cultural negra; A mulher negra e o amor; dentre outros. Beatriz fez algumas viagens para alguns países africanos, como por exemplo, Angola. Foi assassinada, em 1995, ao defender uma amiga de um companheiro violento.

“Numa sociedade como a nossa, onde a dinâmica do sistema econômico estabelece espaços na hierarquia de classes, existem alguns mecanismos para selecionar as pessoas que irão preencher estes espaços.”
(Trecho do escrito: “A mulher negra no mercado de trabalho”).



Capa do livro sobre a Biografia de Beatriz feita por Alex Ratts.

Glossário

Ápice: Ponto mais elevado, apogeu ◊ *o ápice da história*; auge ◊ *no ápice da discussão*.

Apogeu: O ponto máximo ◊ *Ele está no apogeu da sua carreira*.

Anciã: Mulher que possui uma idade muito avançada; mulher velha.

Casa Grande: Cada uma das casas senhoriais construídas no Brasil pelos colonizadores portugueses; Casa residencial de um engenho de açúcar ou de uma fazenda.

Comércio Triangular: O comércio organizado entre três portos ou regiões; comércio triangular era uma forma de comércio muito lucrativa que incluía três lugares: a América do Norte, as Antilhas e a África.

Conversão: Quando uma coisa passa a ser outra; transformação.

Diáspora: Dispersão dos judeus pelo mundo ◊ *A diáspora judaica teve início no séc. I*; dispersão de um povo por perseguição política, religiosa ou étnica ◊ *diáspora cabo-verdiana*.

Gênero: Diferença entre homens e mulheres que, construída socialmente, pode variar segundo a cultura, determinando o papel social atribuído ao homem e à mulher e às suas identidades sexuais.

Herege: Quem comete heresia, quem age contra os princípios da religião.

Hominídeos: Pertencente aos Hominídeos, família dos primatas, de gênero único *Homo*, da qual pertence o homem e seus ancestrais.

Intercâmbio: Relações (comerciais, culturais, educacionais etc.) que são desenvolvidas de modo recíproco entre nações (ou instituições): intercâmbio estudantil; intercâmbio econômico.

Oralidade: Característica ou condição do que é oral, do que é falado.

Pan-africanismo: *Ideologia* que defende a unidade e a solidariedade dos povos africanos.

Pangeia: De acordo com Alfred Wagener, antigo, enorme, único e suposto continente que teria existido na Terra, dando origem aos continentes atuais; supercontinente que, supostamente, teria existido entre 136 milhões e 65 milhões de anos.

Patriarcal: forma que preza o respeito e honra que se devota ao sistema, cujo comando é realizado pelo pai, o qual é tido como figura ou autoridade máxima dentro deste tipo de regime.

Profetiza: Aquela a quem se atribui o dom da profecia, a capacidade de prever o futuro. Mulher que, por inspiração divina.

Quilombos: Os quilombos eram aldeias que ficavam escondidas nas matas, em lugares preferencialmente inacessíveis, como o alto das montanhas e grutas, e era onde então os escravizados fugidos, libertos, indígenas e alguns brancos se reuniam. As pequenas aldeias eram também chamadas mocambos, e tanto eles como os quilombos duraram todo o período da escravidão no Brasil.

Revitalização: Reabilitação; conjunto ou ações que buscam dar novo vigor, força, energia a alguma coisa: projeto de revitalização do bairro.

Sincretismo: Junção ou mistura de cultos ou de doutrinas religiosas distintas, atribuindo um novo sentido aos seus elementos: sincretismo religioso.

Sites de uso do glossário:

<https://escola.britannica.com.br/pesquisa/dicion%C3%A1rio/revitaliza%C3%A7%C3%A3o>

<https://www.dicio.com.br/conversao/>

<https://www.significados.com.br/quilombo/>

<https://www.significadosbr.com.br/patriarcal>

<https://dicionario.priberam.org/casa-grande>

https://www.conhecimentogeral.inf.br/comercio_triangular/

Referências Bibliográficas

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **“As populações africanas no Brasil”**. In: texto redigido para o capítulo relativo às “Populações africanas no Brasil que integrou o Plano Nacional de Cultura”, set.2016, p.1-4.

ANTÓNIO, Mateus Pedro Pimpão. **Romance e Realidade em Lueji, o nascimento de um Império, de Pepetela**. Caderno Cespuc- Belo Horizonte. N.27. 2015, pp- 97.112.

ATLAS, geográfico escolar.- São Paulo: IBEP, 2008, p.128-173.

BATISTA, Wagner Vinhas. **Palavras sobre uma historiadora transatlântica: estudo da trajetória intelectual de Maria Beatriz Nascimento**, Tese de Doutorado, Salvador – 2016, p.279.

CAMPOS, Vera Felicidade de Almeida, 1942- **Mãe Stella de Oxóssi: perfis de uma liderança religiosa**.– Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.13-26.

DIAS, Mariana Sousa. **“Pepetela e a (Re)Escrita de Angola: Tensionamentos entre Memória Coletiva e Discurso Historiográfico em Yaka e Lueji – O Nascimento de um Império”**. In: Revista de Literatura, História e Memória, VOL. 11 - Nº 18 – 2015. ISSN 1809-5313, UNIOESTE / CASCAVEL, p. 43-60.

DIRLEY, Fernandes. **O que você sabe sobre a África: Uma viagem pela história do continente e dos afro-brasileiros**.- 1.ed.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p.95.

FERREIRA, Roquinaldo. Biografia, mobilidade e cultura atlântica: a micro-escala do tráfico de escravos em Benguela, séculos XVIII-XIX. Tempo, vol. 10, núm. 20. 2006, p. 23-49 Universidade Federal Fluminense Niterói.

FONSECA, Mariana Bracks. **“Capítulo 3: Nzinga Mbandi e a luta pelo Ndongo”**. In: Nzinga Mbandi e as guerras de resistência em Angola, século XVII. Tese de Mestrado, USP- São Paulo, 2012, p.108-153.

GEVAERD, Rosi Terezinha F. **“A formação da consciência histórica: ideias de alunos em relação ao conceito escravidão africana no Brasil**. Diálogos (Maringá. Online), v. 19, n.1, 2007, jan.-abr./2015. DOI 10.4025/dialogos.v19i1.1067, p. 385-396.

GONÇALVES, António Custódio. **“As influências do Cristianismo na organização política do Reino do Congo”**. In: Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua época, 1989, p.523-539.

HEYWOOD, Linda. M. **“Quem é o rei do Congo? Um novo olhar sobre os reis africanos e afro-brasileiros no Brasil”**. In: Diáspora Negra no Brasil. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012, p.165-191.

JOMALINIS, Emília (org). “Mural Memória das Mulheres Negras”. In: Espaço pedagógico apresentado na Festa dos Moradorxs, Agricultorxs e Remanescentes do Quilombo Vargem, [apresentação power point], p.1-34.

JOUBEAUD, Edouard (org). Njinga a Mbande: Rainha do Ndongo e do Matamba. In: Série UNESCO Mulheres na história de África.- Publicado em 2014 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO), Praça de Fontenoy nº7 , Paris 75352 107 SP, França, p.1-56.

MARCON, Frank. Retóricas de identidade e diferença na Lunda: Narrativas coloniais e pós-coloniais na África central. Afro-Ásia, núm. 39, 2009, pp. 9-33. Universidade Federal da Bahia, Brasil.

M'BOKOLO, Elikia. África negra: história e civilizações (TOMO I)-Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2008, p.628.

MENDES, Ana Claudia Duarte. “Mito, Memória Coletiva e Ancestralidade em Lueji, de Pepetela. PG/Uel – UEMS, p.1-11.

MILLER, Joseph C. “O Atlântico escravista: açúcar escravos e engenhos”. In: Afro-Ásia, 19/20, 1997, p.9-36.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, MINISTRO DA EDUCAÇÃO: Rossieli Soares da Silva. In: “BNCC- Base Nacional Comum Curricular”- Brasília, 2018, p.600.

MONTEIRO, A. M. F.C. . Ensino de História: entre História e Memória. In: Gilvan Ventura da Silva; Regina Helena Silva e Simões; Sebastião Pimentel Franco. (Org.). História e Educação: territórios em convergência. 1ed.Vitória(ES): GM/ PPGHIS/UFES, 2007, v. 1, p. 01-26.

MUNANGA, Kabenguele. Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações.- São Paulo: Global, 2009.

PANTOJA, Selma. Angola e Angolanas: memória, sociedade e cultura.- São Paulo: Intermeios: Brasília: PPGDSCI; FAPDF, 2016, p.1-219.

_____. MATA, Inocência (org). “revisitando a rainha Nzinga: Histórias e mitos das histórias. In: A rainha Nzinga Mbandi: história, memória e mito, Lisboa, mar.2012, p.115-145.

_____. “Inquisição, degredo e mestiçagem em Angola no século XVIII”. In: Revista Lusófona de Ciência das Religiões – Ano III, 2004 / n.º 5/6, p. 117-136.

PEDRO, Joana Maria. SOIHET, Raquel. “A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. Revista Brasileira de História. São Paulo, 2007, v. 27, nº 54, p. 281-300.

RATTS, Alex. “É tão bom o retorno: Memória, esquecimento e visibilidade”. In: Eu sou Atlântica sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. – São Paulo: Instituto Kuanza, 2006, p. 25-34.

ROCHA, Maria José. PANTOJA, Selma (org's.). Rompendo silêncios- História da África nos currículos da educação básica. Dp. Comunicações LTDA. Brasília. 2004, p.1-134.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. CASTILLO, Lisa Earl. ALBUQUERQUE, Wlamyra (org's.). “Tráfico, tempo e lucro: capitães negreiros e redes comerciais da Bahia setecentista”. In: Barganha e Querelas da escravidão: tráfico, alforria e liberdade (séculos XVIII e XIX).-Salvador: EDUFBA, 2014, p.21-59.

SANTOS, Donizeth. “Lueji, O Nascimento dum Império: Um Romance Alegórico e Político”. In: Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, V.1, n. 11, jul./dez. 2014. ISSN: 2176-381X, p. 35- 45.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. CAINELLI, Marlene. Ensinar História-. 2.ed.- São Paulo: Scipione, 2009, p.1-199.

SCHUMAHER, Schuma. BRAZIL, Érico Vital (org's.). Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado.-2.ed.- Rio de Janeiro: Zahar, p.676.

SERRANO, Carlos M.H. “Ginga, a rainha quilombola de Matamba e Angola”. In: Revista USP, São Paulo, dez-fev, 1995/96, p. 136-141.

SOUZA, Marina de Mello e. Além do Visível: Poder, Catolicismo e Comércio no Congo e em Angola (séculos XVI e XVII). São Paulo: Editora da Univesidade de São Paulo, Fapesp, 2018, p.1-320.

VAINFAS, Ronaldo. SOUZA, Marina de Mello e. “Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII”, p. 1-18.

VISENTINI, Paulo Fagundes. “África Meridional- Angola”. In: Os países africanos: diversidade de um continente.- Porto Alegre: Leituras XXI/ Cebráfrica/ UFRGS, 2012, p.205-211.

_____.História da África e dos africanos.-2.ed.- Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p-11-55.

Referências Iconográficas

AÇÃO educativa. **Adinkras**. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/relacoesraciais/adinkras/>>. Acessado em: 12 maio 2019.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma única história**. In: TEDGlobal; jul. 2009; duração: 18:46” (mins); traduzido por: Erika Rodrigues. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br>. Acessado em: 26 jul. 2019.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Todos devemos ser feministas**. In: TEDxEuston; dez. 2012; duração: 29:28” (mins); traduzido por: Leonardo Silva. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_we_should_all_be_feminists?language=pt-br>. Acessado em: 26 jul. 2019.

ÁFRICA-INTELIGENTE. **O REINO DA LUNDA (Aruwund)**. Disponível em: <<http://angola-inteligente.over-blog.com/article-o-reino-da-lunda-aruwund-78298627.html>>. Acessado em: 27 maio 2019.

AFRIKHEPRI Fondation. **Quem foi Kimpa Vita [...]**, 2019. Disponível em: <<https://afrikhepri.org/pt/quem-era-kimpa-viu-a-profetisa-do-reino-de-kongo>>. Acessado em: 21 jun. 2019.

ALBERTI, Gabriela. **Quem é Yaa Gyasi [...]**. disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2017/09/quem-e-yaa-gyasi-a-escritora-que-fez-da-vida-d-e-uma-familia-africana-um-best-seller-mundial/>>.. Acessado em: 26 jul. 2019.

ALTOÉ, Larissa. **Jongo, expressão da cultura afro-brasileira**, 2016. In: MultiRio. Disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/8637-jongo-e-xpressao-da-cultura-afro-brasileira>>. Acessado em: 20 jul. 2019.

ALUNOS Online. **Estados Brasileiros**. In: UOL. Disponível em: <<https://alunosonline.uol.com.br/geografia/estados-brasileiros.html>>. Acessado em: 20 jul. 2019.

ANADAMBA. **Kimpa Vita: A profetisa do Reino do Kongo**, 2016. In: WIZI-Kongo. Disponível em: <<http://wizi-kongo.com/historia-do-reino-do-kongo/kimpa-vita-a-profetisa-do-reino-do-kongo/>>. Acessado em: 14 fev. 2019.

ANGOLA 24 horas. **Receita de Kizaka [...]**, 2018. Disponível em: <<https://angola24horas.com/index.php/culinaria/item/9581-receita-de-kizaka-com-peixes-carapaus-ou-com-bagre-fumado>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

ANTUNES, Leda. **Além de Chimamanda: 9 escritoras de origem africana [...]**. In: HUFFPOSTBRASIL; maio 2018. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/05/25/alem-de-chimamanda-9-escritoras-de-origem-africana-que-voce-deveria-conhecer_a_23443806/>. Acessado em: 26 jul. 2019.

ARAÚJO, Fafá M. **A África que nunca vimos, ou que ninguém nos mostra**. In: Fafá M. Araújo(Canal do YouTube); publicado em: 26 jul. 2008; duração: 05:18” (mins). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3vllE0-Xuo0>>. Acessado em: 21 jun. 2019.

ARMELIN, Débora. **Projeto Brasil: DNA África e o encontro com a ancestralidade**. In: Afreaka. Disponível em: <<http://www.afreaka.com.br/notas/projeto-brasil-dna-africa-e-o-encontro-com-ancestralidade/>>. Acessado em: 12 maio 2019.

BALLAS, Valéria. **Virada cultural Paulista Jundiaí - Congada Rosa de Atibaia**. In: OVERDOSE DE CULTURA. Disponível em: <<http://overdosedecultura.blogspot.com/2010/05/banda-banze-chegamos-no-final-do-show.html>>. Acessado em: 20 jul. 2019.

BANDEIRAS nacionais. **Bandeira do Saara Ocidental**. Disponível em: <<http://www.bandeirasnacionais.com/saara-ocidental>>. Acessado em: 21 jun. 2019.

BIOQUÍMICA Afro-Brasileira. **Alimentos Afro-Brasileiros**, 2011. Disponível em: <<https://bqafrica.wordpress.com/atividade-2/>>. Acessado em: 20 jul. 2019.

BOREAL Led. **Lâmpada [...]**. Disponível em: <<https://www.borealled.com.br/lampada-led-filamento-g80-8w-e27-thomas-edison-ambar-2700k-bivolt>>. Acessado em: 21 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Arquivo Nacional. **Maria Beatriz Nascimento**. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/br/component/tags/tag/maria-beatriz-nascimento.html>>. Acessado em: 27 jul. 2019.

CATRACA Livre. **Consciência Negra: [...]**, 2014. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/catraqinha/consciencia-negra-conheca-projetos-e-familias-que-contribuem-para-uma-infancia-sem-racismo/>>. Acessado em: 25 jul. 2019.

COLORYFOTOS. **Formatura BHU faculdade UNILAB**, 2019. Disponível em: <https://deskgram.net/coloryfotos?next_id=AQAn2shYCndWtCpFkww27ShKNtt6ZbSDxY YvwMp_r0B2b_IE9_wNWZUyf4v4NkclPBEloEWdDwacbLdFSNbZlQuKWBYABItfSZGbn Tlh_yZyICQ>. Acesso em: 19 jul. 2019.

CORREIO Bahia 24 horas. **Enfermeira, escritora e mãe de santo**: relembre história de Mãe Stella, 2018. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/enfermeira-escritora-e-mae-de-santo-relembre-historia-de-mae-stella/>>. Acessado em: 27 jul. 2019.

CORREIO Bahia 24 horas. **Relembre frases famosas ditas por Mãe Stella**, 2018. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/relembre-frases-famosas-ditas-por-mae-stella/>>. Acessado em: 27 jul. 2019.

CRISTINA, Juliana. **Chimamanda Adiche – escrevendo uma nova história para África**. In: Afreaka. Disponível em: <<http://www.afreaka.com.br/notas/chimamanda-adiche-escrevendo-uma-nova-historia-para-africa/>>. Acessado em: 26 jul. 2019.

CRJONGODITORIBEIRO. **O Jongo**. Disponível em: <<http://crjongoditoribeiro.org.br/ojongo/>>. Acessado em: 20 jul. 2019.

CULTURA todo mundo tem uma. **Formação e diversidade cultural no Brasil**, 2015. Disponível em: <<https://culturatodomundotemuma.wordpress.com/2015/06/28/formacao-e-diversidade-cultural-no-brasil/>>. Acessado em: 20 jul. 2019.

DAMBA, Muana. **Uíge: Vida e obra[...]**, 2014. In: Portal da Damba e da história do Kongo. Disponível em: <<http://www.mundamba.com/2014/02/u%C3%ADge-vida-e-obra-da-hero%C3%ADna-ki-mpa-vita-abordada-em-palestra.html>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

DEUTSCHE Welle. **Angola celebra 40 anos de independência**, 2015. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-002/angola-celebra-40-anos-de-independ%C3%Aancia/a-18842723>>. Acessado em: 19 jul. 2019.

DEUTSCHE Welle. **Njinga Mbande**: A rainha angolana que fez frente aos portugueses, 2018. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-002/njinga-mbande-a-rainha-angolana-que-fez-frente-aos-portugueses/a-42579615>>. Acessado em: 21 jun. 2019.

DICIONÁRIO de Símbolos. **Símbolos Adinkra**. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/simbolos-adinkra/>>. Acessado em: 12 maio 2019.

DREAMSTIME. **Pontos de interrogação [...]**. Disponível em: <<https://pt.dreamstime.com/illustra%C3%A7%C3%A3o-stock-pontos-de-interroga%C3%A7%C3%A3o-coloridos-do-sinal-image49258205>>. Acessado em: 27 maio 2019.

ELTIS, David. **Um breve resumo do tráfico transatlântico de escravos**. In: Geledés. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/um-breve-resumo-do-trafico-transatlantico-de-escravos/>>. Acessado em: 13 jul. 2019.

EVOLUÇÃO Humana. **As principais espécies de homínídeos**. Disponível em: <<http://evolucao-humana-cefetmg.blogspot.com/>>. Acessado em: 21 jun. 2019.

FERRAREZ, Pamella. **Sejamos Todos Feministas - Chimamanda Ngozi Adichie**. In: cantinhocult; dez 2016. Disponível em: <<http://www.cantinhocult.com/2016/12/resenha-sejamos-todos-feministas.html>>. Acessado em: 26 jul. 2019.

FOLHA do estado. **Povo bantu tem um século em Feira de Santana**, 2019. Disponível em: <<https://www.jornalfolhadoestado.com/noticias/87492/povo-bantu-tem-um-seculo-em-feira-de-santana>>. Acessado em: 19 jul. 2019.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. **"Congo"**. In: Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/congo.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

FREEPIK. **Fotos premium menina**. Disponível em: <https://br.freepik.com/fotos-premium/retrato-de-cute-menina-pensando-frente-um-quadro-negro-com-giz-desenhos-de-arte_2331482.htm>. Acesso em: 11 jul. 2019.

FREEPIK. **Mulheres africanas vetores**. Disponível em: <https://br.freepik.com/vetores-gratis/mulheres-africanas-vetores_745966.htm>. Acessado em: 13 jul. 2019.

GABRIELA. **Melhores citações de Chimamanda**. In: Shereland; 2015. Disponível em: <<http://www.shereland.com/blog/livros/acontece/citacoes-de-chimamanda-em-sejamos-todos-feministas>>. Acessado em: 26 jul. 2019.

GAZETA de Itupeva. **6º Encontro Feminino de Capoeira [...]**, 2017. Disponível em: <<http://www.gazetadeitupeva.com.br/louveira-6-encontro-feminino-de-capoeira-acontece-neste-domingo-not-1413.php>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

GELEDES. **O reino da Lunda**, 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-reino-da-lunda/>>. Acessado em: 21 jun. 2019.

GEO5 International. **Bandeira de angola**. Disponível em: <<http://geo5.net/bandeira-de-angola/>>. Acessado em: 13 mar. 2019.

GRILLI, Mariana. **Agricultura** [...]. In: Afreaka. Disponível em: <<http://www.afreaka.com.br/notas/agricultura-impulsiona-relacao-entre-brasil-e-africa-e-r esulta-em-negocios-de-us-26-bilhoes/>>. Acessado em: 12 maio 2019.

GUIA geográfico. **Mapa-Mundi**. Disponível em: <<http://www.guiageo-mapas.com/mapa-mundi.htm>>. Acesso em: 12 fev. 2019.

GUIA geográfico. **República do Congo (mapa interativo)**. Disponível em: <<http://www.africa-turismo.com/mapas/congo.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

HELENE, Diana. **“Eu sou atlântica” – Beatriz Nascimento**. In: FeminismUrbana; nov. 2017. Disponível em: <<https://feminismurbana.wordpress.com/2017/11/23/eu-sou-atlantica-beatriz-nascimento/>>. Acessado em: 27 jul. 2019.

ILÊ Asé Igi Omo Alaketú. **Meu tempo é agora** [...]. In: igiomoalaketu; jul. 2010. Disponível em: <<http://igiomoalaketu.blogspot.com/2010/07/meu-tempo-e-agora-trechos-o-abiyano.html>>. Acessado em: 27 jul. 2019.

JORNAL Plástico Bolha, nº21. **Trechos do diário de Carolina Maria de Jesus**. Disponível em: <<http://www.jornalplasticobolha.com.br/pb21/texto9.htm>>. Acessado em: 26 jul. 2019.

JÚNIOR, Gilmar Luís Silva. **A Mulher** [...]. In: Obvious. Disponível em: <http://lounge.obviousmag.org/pilulas_da_literatura/2015/09/a-mulher-como-elemento-pr ivilegiado-na-poesia-da-angolana-paula-tavares.html>. Acessado em: 11 jul. 2019.

KANDIMBA, Aristóteles. **Berimbau, a arma da feminilidade das mulheres Bantu**, 2011. In: Wordpress. Disponível em: <<https://bezasdekianda.wordpress.com/2011/11/18/berimbau-a-arma-da-feminilidade-das-mulheres-bantu/>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

KAPULANA. **Ana Paula Tavares**. Disponível em: <<http://www.kapulana.com.br/ana-paula-tavares/>>. Acessado em: 26 jul. 2019.

KNOEMA. **República Democrática do Congo**. Disponível em: <<https://pt.knoema.com/atlas/Rep%C3%BAblica-Democr%C3%A1tica-do-Congo>>. Acessado em: 13 mar. 2019.

LITERAFRO. **Carolina Maria de Jesus**, 2019. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>>. Acessado em: 12 maio 2019.

LIVR'ANDANTE. **A África Ensinando A Gente: [...]**, 2017. Disponível em: <<http://livrandante.com.br/paulo-freire-sergio-guimaraes-africa-ensinando-gente-angola-guine-bissau-sao-tome-e-principe/>>. Acessado em: 19 jul. 2019.

MISOSOAFRICA. **Mapa atualizado da África**, 2012. Disponível em: <<https://misosoafricapt.wordpress.com/2012/03/19/mapa-atualizado-da-africa-2012/>>. Acesso em: 12 fev. 2019.

NEAB (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros). **DANÇAS AFRICANAS**. Disponível em: <<http://afroneab.blogspot.com/p/musica-e-danca.html>>. Acessado em: 13 jul. 2019.

NERD professor. **Mapa da África**, 2017. Disponível em: <<https://www.nerdprofessor.com.br/mapa-da-africa/>>. Acessado em: 15 jun. 2019.

NOGUEIRA, Victor. **Mulheres angolanas históricas (2)**, 2007. In: Kant_O_XimPi. Disponível em: <<https://kantoximpi.blogspot.com/2007/01/mulheres-angolanas-histricas-2-no.html>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

NOVA África. **A RDC lança Pacto Global das Nações Unidas para negócios**, 2017. Disponível em: <<https://www.novafrica.co.ao/africa/a-rdc-lancou-a-iniciativa-pacto-global-das-nacoes-unidas-a-primeira-na-africa-francofona/>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

NSAOVINGA, Camilo Afonso Nanizau. **O poder político do Kongo e a sua cosmologia**, 2016. In: WIZI-Kongo. Disponível em: <<http://wizi-kongo.com/historia-do-reino-do-kongo/o-poder-politico-do-kongo-e-a-sua-cosmologia/>>. Acessado em: 21 jun. 2019.

ONU Mulheres [...]. **Dossiê República Democrática do Congo**, 2015. Disponível em: <<https://16minionuonumulheres2020.wordpress.com/2015/07/30/dossie-republica-democratica-do-congo/>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

OSÓRIO, Helena. **A famosa rainha Nzinga [...]**, 2018. In: ARTE capital. Disponível em: <<https://www.artecapital.net/opiniao-184-helena-osorio-parte-ii-a-famosa-rainha-nzingao-u-njinga-tao-amada-quanto-temida-e-odiada-em-africa-e-no-mundo>>. Acessado em: 21 jun. 2019.

PÁGINA Global. **MPLA considera manifesto**, 2011. Disponível em: <<https://paginaglobal.blogspot.com/2011/12/mpla-considera-manifesto-do.html>>. Acessado em: 27 maio 2019.

PALÁCIO de Livros. **Para Educar Crianças Feministas — Chimamanda Ngozi Adichie**, 2017. Disponível em: <<http://palaciodelivros.blogspot.com/2017/07/resenha-para-educar-criancas-feministas.html>>. Acessado em: 26 jul. 2019.

PALAVRAS ditas. **LUEJI – o nascimento de um império**”, 2007. Disponível em: <<https://palavrasditas.wordpress.com/2007/04/10/lueji/>>. Acessado em: 27 maio 2019.

PASCALÉ, Ademir. **7 citações impactantes da escritora Carolina Maria de Jesus**. In: Revista Conexão Literatura. Disponível em: <<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/2018/02/7-citacoes-impactantes-da-escritora.html>>. Acessado em: 26 jul. 2019.

PINTEREST. **Descobre ideias** [...]. Disponível em: <<https://www.pinterest.com/pin/514254851185026694/>>. Acesso em: 11 jul. 2019.

POESIA na alma. **Seu nome era dor / Beatriz Nascimento**. Disponível em: <<http://www.poesianaalma.com.br/2019/03/seu-nome-era-dor-beatriz-nascimento.html>>. Acessado em: 27 jul. 2019.

PROJETO Semear. **Lueji, princesa Angolana**, 2009. Disponível em: <<http://projetosemearangola.blogspot.com/2009/03/lueji-princesa-angolana.html>>. Acessado em: 27 maio 2019.

RATTS, Alex. **A trajetória intelectual ativista de Beatriz Nascimento**, 2009. In: Geledés. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/a-trajetoria-intelectual-ativista-de-beatriz-nascimento/>>. Acesso em: 11 jul. 2019.

RODRIGUES, Thamyris; TANUS, Gustavo. **Todas [as] distâncias**: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento. In: LiterAfro; dez. 2017. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ensaio/7-beatriz-nascimento-todas-as-distancias>>. Acessado em: 27 jul. 2019.

SANTOS, Adriano Uriel S. **Kinshasa, República Democrática do Congo**. In: Pinterest. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/455708056035065554/>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

SÃO FRANCISCO DO CONDE (Portal da prefeitura). **UNILAB inicia aulas presenciais em 2014**, 2014. Disponível em: <<http://saofranciscodoconde.ba.gov.br/unilab-inicia-aulas-presencias-em-2014/>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

SKOOB. **Meu Tempo É Agora – Mãe Stella de Oxóssi, Odé Kayode**. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/meu-tempo-e-agora-188136ed210025.html>>. Acessado em: 27 jul. 2019.

Slave Voyages. **Explorar a dispersão de africanos escravizados pelo mundo atlântico**. Disponível em: <<https://www.slavevoyages.org/>>. Acessado em: 13 jul. 2019.

SOUSA, Rainer. **Egito Antigo**. In: Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/egipcio.htm>>. Acessado em: 21 jun. 2019.

SPORT histoire.fr. **Bandeiras de países da África**, 2019. Disponível em: <https://www.sport-histoire.fr/pt/Geografia/Bandeiras_paises_Africa.php>. Acessado em: 15 jun. 2019.

SUA pesquisa. **Brasil (dados principais)**. Disponível em: <<https://www.suapesquisa.com/paises/brasil/>>. Acessado em: 20 jul. 2019.

SUA pesquisa.com. **República Democrática do Congo**. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/paises/republica_democratica_congo/>. Acessado em: 15 jun. 2019.

TICA. Quarto de despejo – **Diário de uma Favelada**. In: **Críticas, livros e papéis de pão**; mar. 2012. Disponível em: <<https://criticaconsciente.wordpress.com/2012/03/22/quarto-de-despejo-diario-de-uma-favelada/>>. Acessado em: 26 jul. 2019.

TONIN, Juliana Viveiros. **Você sabia que temos em nosso vocabulário palavras de origem Africana? [...]**. In: iQuilibrio. Disponível em: <<https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/palavras-origem-africana/>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

UEA (União dos Escritores Angolanos). **Ana Paula Tavares**. Disponível em: <<https://www.ueangola.com/bio-quem/item/68-ana-paula-tavares>>. Acessado em: 26 jul. 2019.

UNILAB. **Sobre a Unilab – Integração Internacional**. Disponível em: <<http://www.unilab.edu.br/nosso-diferencial-de-integracao-internacional/>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

UOL Entretenimento. **Kizomba, a dança angolana [...]**, 2017. Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/afp/2017/10/06/kizomba-a-danca-angolana-q-ue-conquista-o-mundo.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

VAZ, Juliana. **Essas três mulheres quebraram barreiras de gênero e são referência no Brasil e no exterior**, 2018. In: Redbull. Disponível em: <<https://www.redbull.com/br-pt/3-mestras-de-capoeira-que-voce-precisa-conhecer>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

VIEIRA, Karina. **A herança e o legado histórico [...]**, 2018. In: AUR. Disponível em: <<https://aurculture.com/heranca-e-o-legado-no-livro-o-caminho-de-casa/>>. Acessado em: 12 maio 2019.

VILAR, Caroline Coelho. **A luta pela sobrevivência: o desafio de ser mulher negra no Brasil**, 2018. In: Revista Movimento. Disponível em: <<https://movimentorevista.com.br/2018/01/o-desafio-de-ser-mulher-negra-no-brasil-racismo-feminismo-escravidao/>>. Acessado em: 27 maio 2019.

VILOLA, Santos. **Congo está na História da libertação de Angola**, 2010. In: Jornal de Angola. Disponível em: <http://jornaldeangola.sapo.pt/politica/congo_esta_na_historia_da_libertacao_de_angola>. Acesso em: 21 jun. 2019.

VIVIMETALIUN. **Povo Bantu**. Disponível em: <<https://vivimetaliun.wordpress.com/2017/04/13/pessoas-bemba/>>. Acessado em: 19 jul. 2019.

WIKIPÉDIA. **República Democrática do Congo**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rep%C3%BAblica_Democr%C3%A1tica_do_Congo>. Acessado em: 13 mar. 2019.

WORLD history. **Beatrice Kimpa Vita**, 2018. Disponível em: <<https://worldhistory.us/african-history/beatrice-kimpa-vita.php>>. Acessado em: 27 maio 2019.

WORTHPOINT. **Adorável old Chokwe [...]**. Disponível em: <<https://www.worthpoint.com/worthopedia/lovely-old-chokwe-chinawezi-figure-dona-fish>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

LINKS INDISPONÍVEIS:

Acessados em: 15 jan. 2019.

<http://www.embangola.at/dados.php?ref=dados-demograficos>

<http://www.embangola.at/dados.php?ref=dados-geograficos>

<http://www.embangola.at/dados.php?ref=sobre-angola>

Acessado em: 14 fev. 2019.

<http://www.embangola.at/dados.php?ref=sobre-angola>